



literatura
livre

Contos folclóricos africanos Vol. 2

ELPHINSTONE DAYRELL,
GEORGE BATEMAN,
ROBERT HAMILL NASSAU

*The Folk Tales of Southern Nígeria,
Zanzibar Tales, Where Animals Talk
(1910, 1901, 1912)*

Tradução: Gabriel Naldi

Edição bilingue: POR/ENG
Distribuição gratuita

sesc

— •
literatura
livre

Contos folclóricos africanos

Vol. 2

Elphinstone Dayrell
George W. Bateman
Robert Hamill Nassau

Edição Bilingue

sesc **mojo**^{.org}

Contos folclóricos africanos

Vol. 2

Elphinstone Dayrell
George W. Bateman
Robert Hamill Nassau

Tradução:
Gabriel Naldi

HAAMDAANEE

GEORGE W. BATEMAN

Certa vez viveu um homem chamado Haamdaa'nee. Muito pobre, pedia esmolas de porta em porta. Em algumas ocasiões chegava inclusive a pegar coisas sem que lhe fossem oferecidas. Depois de algum tempo, passou a ser visto com desconfiança por todos, que deixaram de lhe dar comida para que não aparecesse mais em suas casas. Sem alternativa, foi obrigado a vasculhar o lixo da aldeia diariamente, onde comia grãos de milho e outras sementes que encontrava.

Um dia, ao revirar o lixo, encontrou uma moeda de dez centavos. Guardou-a em uma dobra dos farrapos que vestia e continuou sua busca inútil por comida.

— Fazer o quê? — conformou-se. — Pelo menos agora tenho uma moedinha; estou arranjado. Já que não encontrei o que comer, vou para casa tirar uma soneca.

Voltou à sua cabana, bebeu um pouco de água, mordeu um pedaço de fumo e foi dormir.

Na manhã seguinte, ao remexer o aterro novamente, viu ao longe um camponês que levava uma jaula feita de galhos.

— Ei, camponês! — gritou Haamdaa'nee. — O que leva aí nessa gaiola?

— Gazelas! — respondeu o camponês, que se chamava Moohaad'eem.

— Traga-as aqui. Deixe-me vê-las — pediu o mendigo.

Três homens abastados que moravam no vilarejo os observavam a uma certa distância. Quando viram o camponês se aproximando de Haamdaa'nee, começaram a caçoar:

— Vai perder seu tempo, Moohaad'eem!

— Por que dizem isso, senhores? — perguntou o camponês.

— Aquele pobre coitado não tem nada. Nem um centavo.

— Não sei, não — respondeu Moohaad'eem. — Pode ser que tenha, quem sou eu para dizer?

— Esse aí não! — disse um dos homens.

— Você não está vendo que ele está vasculhando o lixo? — questionou outro. — Todos os dias ele vem ciscar como uma galinha, procurando grãos para comer. Se tivesse algum dinheiro, não acha que faria uma refeição pelo menos uma vez na vida? Por que ele compraria uma gazela? O que faria com ela? Se não consegue sequer alimentar a si mesmo, que dirá um animal!

— Senhores, sou um vendedor — afirmou Moohaad'eem. — Respondo a todos que me chamam. Se alguém me diz “venha aqui”, eu vou. Não favoreço nem menosprezo ninguém. Portanto, se esse homem me chamou, eu o atenderei.

— Você que sabe — retrucou o primeiro homem. — Se não quer acreditar, tudo bem. Sabemos onde ele mora e como leva a vida. Esse aí não vai comprar nada.

— É isso mesmo — acrescentou o segundo. — Depois de conversar com ele, verá que falamos a verdade.

E o terceiro dos amigos completou:

— Nuvens carregadas são sinal de que pode chover. Quando o céu está azul, nada de chuva, certo? No caso dele, nunca vimos nenhum sinal de que possua algum dinheiro. Logo...

— Pode ser, senhores — disse Moohaad'eem. — Muitas pessoas com aspecto melhor que o dele me chamam e pedem para ver minhas gazelas. “São lindas, mas o preço é muito alto”, dizem elas. Se esse homem me disser o mesmo, não será novidade. Vou ver o que ele quer.

Um dos amigos disse aos outros:

— Vamos junto para ver o que o mendigo vai comprar.

— Ora! — tornou o outro. — Comprar? Não diga besteiras. Faz três anos que ele não tem uma refeição decente, pelo que sei. Um homem nessa condição não tem como comprar

nada. De qualquer forma, vamos acompanhar o camponês. Se esse mendigo o chamou só para olhar as gazelas, devíamos é dar-lhe uma boa surra com nossos cajados. Isso o ensinará a não incomodar vendedores honestos.

Assim, os três amigos se aproximaram de Haamdaa'nee, e um deles disse:

— Aí estão as gazelas. Não vai comprar uma? Quero só ver, seu mentiroso! Vai ficar de olho gordo, mas não vai comprar nada!

Haamdaa'nee não lhe deu atenção e perguntou ao vendedor:

— Quanto custa uma gazela?

— Você é bem ingênuo, não? — interrompeu outro dos amigos. — Todo mundo sabe que o preço é vinte e cinco centavos por duas gazelas.

Ainda sem se importar com os três curiosos, Haamdaa'nee continuou:

— O senhor me venderia uma gazela por dez centavos?

— Uma por dez centavos! — riram os homens. — Você bem que gostaria, não é? Aposto que também queria ter os dez centavos para isso!

Então um deles deu-lhe um tapinha no rosto. Haamdaa'nee virou-se para seu agressor e disse:

— Por que me bate? O que lhe fiz? Nem o conheço! Chamei esse homem para tratar de negócios e vocês, que nem sei quem são, ficam aí querendo me atrapalhar!

Haamdaa'nee desdobrou sua roupa esfarrapada e retirou a moeda. Entregou-a a Moohaad'eem.

— Por favor, senhor, aceite isso por uma gazela.

O camponês pegou uma gazela pequena de dentro da jaula e a entregou a Haamdaa'nee.

— Aqui, fique com esta. Eu a chamo de Keejee'paa.

Então, virando-se aos três enxeridos, o vendedor riu e disse:

— Que tal essa, hein? Os senhores, com suas túnicas e turbantes, espadas, adagas e sandálias nos pés... senhores de posses, sem dúvida... vêm me dizer que esse homem não tinha dinheiro para nada... pois ele comprou uma gazela por dez centavos! Enquanto os senhores, tão elegantes, não conseguiriam comprar meia gazela por cinco centavos nem se juntassem todo o dinheiro em seus bolsos.

Então Moohaad'eem e os três amigos foram embora por caminhos diferentes.

Haamdaa'nee continuou no aterro até encontrar alguns grãos de milho, para si e para Keejee'paa. Voltou para sua cabana, estendeu sua esteira e dormiram, ele e a gazela, lado a lado.

Essa rotina continuou por uma semana. Passavam os dias no lixo procurando grãos e voltavam para a cabana à noite.

Até que uma noite Haamdaa'nee acordou com um chamado:

— Senhor!

O mendigo ergueu-se e respondeu:

— Estou aqui! Quem chama?

— Eu! — respondeu a gazela.

Ao ouvir aquilo, Haamdaa'nee ficou tão assustado que não sabia se ia desmaiar ou sair correndo.

Ao vê-lo tão sobressaltado, Keejee'paa perguntou:

— Qual é o problema, senhor?

— Pelos deuses! — exclamou ele. — Que fenômeno é esse?

— Fenômeno? — perguntou a gazela, olhando ao redor. — A qual fenômeno o senhor se refere, o que o deixou tão agitado?

— Isso é tão fantástico que mal posso acreditar que não seja um sonho! Quem poderia imaginar que uma gazela pudesse falar?

— Ah, é isso? — Keejee'paa riu. — Isso não é nada. Há coisas muito mais espantosas. Mas deixe-me dizer por que o chamei.

— Claro! Sou todo ouvidos — afirmou Haamdaa'nee.
— Seria impossível não lhe ouvir!

— Bem, é o seguinte — continuou a gazela —, eu permiti que se tornasse meu amo, por isso, não fugirei de você. Quero propor um acordo, do qual pode estar certo de que cumprirei minha parte.

— Continue — pediu seu amo.

— Basta olhar para saber que você é muito pobre. Viver ciscando grãos de milho no lixo pode lhe servir, afinal, é uma questão de sobrevivência e já está acostumado. Mas se continuar assim, não terá mais gazela. Keejee'paa morrerá de fome. Por isso, quero sair todos os dias para me alimentar com as comidas que gosto. E prometo que voltarei todas as noites.

— Bem, acho que só me resta concordar — disse Haamdaa'nee, não muito animado.

Como já amanhecia, Keejee'paa levantou-se num salto e saiu pela porta. Haamdaa'nee foi atrás dela. A gazela era muito veloz e a única coisa que seu amo pôde fazer foi observá-la enquanto sumia no horizonte. Seus olhos se encheram de lágrimas e, erguendo as mãos, gritou:

— Ah, minha mãe! Ah, meu pai! Minha gazela fugiu!

Alguns vizinhos ouviram seus gritos e aproveitaram a oportunidade para comunicá-lo que era um tolo, idiota e ingênuo.

— Você está há não sei quanto tempo ciscando o lixo como se fosse uma galinha — disse um deles. — A sorte sorri para você e lhe dá uma moeda, nessa hora, em vez de criar juízo e comprar uma refeição decente, o que você faz? Compre uma gazela! E agora a deixou fugir! Está chorando por quê? A culpa é só sua.

Essas palavras, obviamente, não foram muito reconfortantes para Haamdaa'nee. O desafortunado refugiou-se no depósito de lixo, apanhou alguns grãos de milho e voltou para seu casebre, que agora parecia mais triste e desolado que nunca.

No entanto, Keejee'paa voltou trotando ao anoitecer. O mendigo alegrou-se ao reencontrá-la.

— Ah, minha amiga, você voltou para mim!

— Claro! — respondeu a gazela. — Eu não prometi? Sabe, eu percebi que, para poder me comprar, você usou todo o dinheiro que tinha, mesmo que tenha sido apenas dez centavos. Como eu poderia fugir? Jamais seria tão ingrata. Eu sairei para comer, mas sempre voltarei à noite.

Os vizinhos ficaram muito surpresos ao verem a gazela saindo de casa todas as manhãs e retornando à noite. Por isso, começaram a suspeitar que Haamdaa'nee fosse um feiticeiro.

As idas e vindas da gazela continuaram por cinco dias. Ao voltar para casa, Keejee'paa contava sobre os lugares que tinha ido e os tipos de comida que havia encontrado.

No sexto dia, Keejee'paa pastava entre alguns arbustos espinhosos em um bosque quando, debaixo de algumas ervas que cresciam ao redor de uma árvore, encontrou um diamante imenso e muito brilhante.

— Ah! Isso aqui vale muito, sem dúvida — exclamou a gazela, maravilhada. — Deve valer um reino inteiro! Se eu o levar ao meu amo, ele será morto. Sendo ele tão pobre, ninguém acreditará que simplesmente encontrou um diamante, muito menos que ganhou de presente. Não posso colocá-lo em apuros. Já sei o que fazer. Vou procurar algum homem poderoso, que saberá fazer melhor uso.

Então Keejee'paa saiu pela floresta com o diamante na boca. Correu e correu, mas não encontrou nenhuma cidade. Dormiu no bosque, acordou ao amanhecer e continuou seu caminho. Como no primeiro dia, também não encontrou nada.

No terceiro dia, a gazela caminhou desde a manhã até cerca de nove horas da noite, quando enfim avistou algumas casas esparsas, que iam ficando maiores conforme ela avançava, e soube que estava de volta à civilização. Pouco tempo depois já estava na avenida principal de uma grande cidade, a caminho do palácio do sultão, e correu o mais rápido que pôde. As pessoas ao redor paravam diante daquela cena inusitada, uma gazela correndo com um embrulho de folhas de árvore na boca.

Keejee'paa viu o sultão sentado à porta de seu palácio. Parou a uma curta distância, soltou o diamante, deitou-se ao lado da joia e, ainda ofegante, gritou:

— Ô de casa! Ô de casa!

É dessa forma que, naquela parte do mundo, alguém grita quando quer entrar em uma casa. E espera-se do lado de fora até que o chamado seja atendido.

O grito foi repetido muitas vezes, até que o sultão perguntou a seus criados:

— Quem está chamando tão insistentemente?

— É uma gazela que grita, meu amo — respondeu um deles.

— Ora, ora! — disse o sultão. — Ora, ora! Diga à gazela que pode se aproximar.

Um dos criados correu até Keejee'paa e disse:

— Vamos, levante-se. O sultão ordena que você se aproxime.

A gazela então se levantou, abocanhou novamente o diamante, aproximou-se do sultão e colocou a pedra a seus pés.

— Boa tarde, senhor — cumprimentou Keejee'paa.

— Que assim Deus permita — tornou o sultão. — Aproxime-se.

O soberano mandou seus criados trazerem um tapete e uma grande almofada. Depois, convidou a gazela para descansar

sobre eles. A princípio Keejee'paa não aceitou, explicando que já estava bastante confortável, mas o sultão fez questão. Keejee'paa então concordou em ser tratada como convidada de honra. Trouxeram também arroz e leite, pois o sultão queria que sua hóspede estivesse disposta e alimentada para contar sua história.

Depois que os criados retiraram os pratos, o sultão disse:

— Agora sim, minha amiga, diga o que veio dizer.

— Amo, não sei se o senhor vai gostar das notícias que trago. O fato é que fui enviada para insultá-lo. Minha missão é criar desavenças. Vim aqui para propor uma aliança entre famílias.

— Mas vejam só! — exclamou o sultão. — Para uma gazela, você fala muito bem! A verdade é que eu estava mesmo querendo ser insultado. Estava ansioso para alguém criar uma desavença comigo. E não vejo a hora de formar uma aliança familiar. Por favor, prossiga.

— O senhor não vai se zangar comigo? Afinal, sou apenas a mensageira — pediu Keejee'paa.

— De forma alguma — tranquilizou o sultão.

— Bem, a garantia que trago é esta. — Keejee'paa soltou o diamante envolto em folhas no colo do sultão.

Ao desembulhar a trouxa de folhas e se deparar com a grande e reluzente joia, o sultão ficou estupefato. Após recompor-se, disse:

— O que significa isto?

— É um sinal do comprometimento do meu amo, o sultão Daaraa'ee — explicou a gazela. — Ele soube que o senhor tem uma filha e enviou este diamante como mostra de suas intenções. Daaraa'ee espera que o perdoe por enviar apenas essa ninharia e não algo realmente digno de sua permissão para o casamento.

“Pelos céus!”, pensou o sultão. “Ele chama isso de ninharia?”.

E disse a Keejee'paa:

— É o bastante, é o bastante. Estou satisfeito. Permito que o sultão Daaraa'ee se case com minha filha, sem exigir mais nada. Diga a ele que não precisa trazer mais presentes. Caso tenha outras ninharias como esta, pode deixá-las guardadas. Espero que transmita minha resposta claramente a seu amo.

A gazela assegurou que explicaria tudo perfeitamente e acrescentou:

— Agora, senhor, devo partir. Voltarei à minha cidade e em cerca de dez dias retornaremos como seus hóspedes.

Trocaram cumprimentos e separaram-se.

Enquanto isso transcorria, Haamdaa'nee estava em um estado lastimável. Com o desaparecimento de Keejee'paa, ele caminhava à esmo pela cidade, lamentando-se:

— Ah, minha pobre gazela! Coitada da minha gazela! Seus vizinhos riam e caçoavam dele, o que aumentava seu desespero.

Isso durou até que, certa noite, Haamdaa'nee estava já dormindo quando Keejee'paa entrou pela porta. Ele levantou-se em um salto e abraçou a gazela, desfazendo-se em lágrimas por muito tempo.

Após se julgar suficientemente bem-recebida, a gazela enfim disse:

— Vamos, vamos, acalme-se, meu senhor. Trago boas notícias.

O mendigo, no entanto, continuava a chorar e a acariciá-la, pois a havia tomado como morta.

— Ora, o senhor está vendo que estou bem — insistiu Keejee'paa. — Controle-se e escute. Deverá fazer exatamente como eu disser.

— Diga, diga! — implorou Haamdaa'nee. — Pode falar, farei tudo o que quiser. Se me disser que devo atravessar uma colina a cambalhotas, me joga no chão agora.

— Não há muito o que explicar agora, mas digo o seguinte: já vi muitos tipos de comida, algumas deliciosas e outras nem tanto. Mas a que eu vou lhe oferecer é muito, muito doce.

— Como? — Espantou-se o pedinte. — Será possível que neste mundo exista algo completamente bom? Tudo tem seu lado bom

e seu lado ruim. Uma comida que é ao mesmo tempo doce e azeda ainda assim é boa. Se algo é inteiramente doce, deve ser perigoso.

— Aah... — A gazela bocejou. — Estou cansada demais para ficar filosofando. Vamos dormir e, amanhã cedo, a única coisa que você precisará fazer é me seguir.

Partiram logo ao amanhecer, com a gazela mostrando o caminho. Atravessaram a floresta em cinco dias.

No quinto dia chegaram a um riacho e Keejee'paa disse a seu senhor:

— Deite-se aqui.

Assim que Haamdaa'nee obedeceu, a gazela o agrediu com tanta força que o fez gritar:

— Por favor, pare!

— Agora tenho que ir a um lugar e, quando eu voltar, espero encontrá-lo exatamente aqui — disse a gazela. — Não saia daqui por nada.

Então saiu correndo e chegou à casa do sultão por volta das dez da manhã.

Desde o dia em que Keejee'paa deixou a cidade, soldados foram colocados ao longo da estrada para avisar quando o tal sultão Daaraa'ee chegasse. Um deles, ao ver a gazela se aproximar, correu para o palácio.

— O sultão Daaraa'ee está chegando! A gazela vem correndo para cá!

O sultão e seus criados saíram imediatamente para recepcionar os convidados. No entanto, ao chegarem aos arredores da cidade, encontraram apenas a gazela, que saudou o sultão:

— Bom dia, senhor!

O sultão a cumprimentou amavelmente e perguntou sobre as novidades.

— Nem me pergunte! Mal posso andar e as notícias que trago não são nada boas! — respondeu Keejee'paa.

— O que houve? — Quis saber o sultão.

— Oh, céus! — lamentou-se a gazela. — Uma desgraça! Eu estava vindo para cá com o sultão Daaraa'ee, como o senhor sabe. Correu tudo bem até chegarmos à parte mais densa da floresta, onde fomos atacados por ladrões. Atacaram meu amo, espancaram-no, amarraram-no e levaram tudo o que ele tinha, até suas roupas. Oh, céus! Oh, céus!

— Pelos deuses! — exclamou o sultão. — Não podemos perder um minuto!

Correu para o palácio com seus criados e chamou o cavaliariço:

— Equipem meu cavalo mais veloz com nossos melhores arreios!

Então ordenou a uma criada que pegasse em seu baú de roupas finas uma túnica branca, um casaco preto, cinto e

roupas de baixo. Mandou outro servo trazer uma cimitarra com cabo de ouro, uma adaga adornada e um par de elegantes sandálias, além de uma linda bengala.

— Vá com alguns de meus soldados levar essas coisas ao sultão Daaraa'ee — disse a Keejee'paa. — Para que ele possa se vestir e vir me encontrar.

— Senhor, seria uma humilhação para o sultão Daaraa'ee ser visto em tal estado — respondeu a gazela. — Roubaram-lhe tudo, está lá caído e machucado, não posso deixar que o vejam assim. Eu mesma levarei tudo.

— Bem, aqui estão o cavalo, as roupas e as armas. Mas é muita coisa para uma gazela pequena carregar.

Keejee'paa prendeu toda a bagagem ao lombo do cavalo e amarrou a rédea em seu pescoço. Partiu sozinha, sob o olhar de espanto e admiração dos habitantes da cidade.

No local designado, encontrou Haamdaa'nee deitado esperando por ela. O mendigo ficou exultante ao revê-la.

— Trouxe a comida doce que havia prometido — disse a gazela. — Agora levante-se e tome um banho.

Com a hesitação de quem não está acostumado a tais práticas, o homem colocou os pés na água e começou a se molhar pouco a pouco.

— Ora, só isso não vai resolver nada! Pule logo na parte mais funda! — zangou-se Keejee'paa.

— Ai de mim! — murmurou Haamdaa'nee. — Esse rio é muito fundo, deve ter animais horríveis debaixo d'água!

— Animais? Que animais?

— Ah, crocodilos, lagartos, cobras, salamandras e sapos. Deve estar infestado de sapos! Eu tenho muito medo, porque todos mordem!

— Ai, ai... — suspirou Keejee'paa. — Bom, lave-se o melhor que puder no raso mesmo. Mas esfregue-se bem, e pelos deuses, escove os dentes com areia, porque estão imundos!

O mendigo obedeceu e sua aparência mudou radicalmente.

— Agora, apresse-se e vista isso! — mandou a gazela. — O sol já se pôs, já deveríamos ter chegado.

Haamdaa'nee vestiu as roupas finas enviadas pelo sultão e montou no cavalo. Partiram, com a gazela à frente.

Após percorrerem parte do caminho, Keejee'paa fez uma pausa e disse:

— Escute bem. Olhando assim, ninguém imaginaria que ontem você remexia o lixo atrás de comida. Nem seus próprios vizinhos lhe reconheceriam, pois mesmo sem esses trajes, lavar o rosto e escovar os dentes já fez uma grande diferença. Já demos um jeito em sua aparência, mas ainda há outros cuidados a tomar. Eu arranjei para que você se case com a filha do sultão, com direito a dote e outros presentes.

Mas você deve manter sua boca fechada. Não diga nada além de “Como vai?” e “É um prazer conhecê-lo”. Deixe que eu falo.

— Por mim, tudo bem! — concordou Haamdaa’nee. — Assim é melhor mesmo.

— Você sabe qual é seu nome?

— Claro que sei!

— Tem certeza? Então me diga.

— Ora, meu nome é Haamdaa’nee.

— Não exatamente — Keejee’paa riu. — Você agora é o sultão Daaraa’ee.

— Sou? Que bom.

Retomaram o caminho e em pouco tempo avistaram soldados correndo em todas as direções. Quatorze deles se aproximaram para escoltá-los. Logo viram a comitiva composta pelo sultão, emires, vizires e juízes, todos os nobres da cidade vinham para recebê-los.

— Desça de seu cavalo e cumprimente seu sogro — disse a gazela. — É o que está no centro, de casaco azul.

— Tudo bem — concordou Haamdaa’nee, passando as rédeas a um dos soldados.

Os dois sultões cumprimentaram-se com apertos de mão e beijos, depois dirigiram-se ao palácio.

Houve um grande banquete e todos conversaram animadamente até tarde da noite. O falso sultão Daaraa’ee e a

gazela dormiram em um quarto com três soldados à porta, para garantir que nada lhes faltasse.

Na manhã seguinte, Keejee'paa foi conversar com o sultão.

— Senhor, gostaríamos de tratar do assunto que nos trouxe aqui. O sultão Daaraa'ee deseja se casar com sua filha e gostaria que a cerimônia acontecesse o quanto antes.

— Não vejo nenhum problema — respondeu o sultão.
— Da parte da noiva, tudo está certo. Vou mandar alguém trazer o juiz Mwaalee'moo imediatamente.

Em pouco tempo o juiz de paz chegou e o sultão lhe disse:

— Queremos que você celebre o matrimônio entre minha filha e este cavalheiro, agora mesmo.

— Claro, estou às ordens — respondeu o magistrado.
E assim se deu o casamento.

Na manhã seguinte a gazela anunciou a seu senhor:

— Farei uma viagem. Ficarei fora por cerca de uma semana. Você não deve sair de casa até eu voltar, não importa o quanto demore. Até logo.

Então se dirigiu ao sultão verdadeiro e disse:

— Meu bom senhor, o sultão Daaraa'ee ordenou que eu volte para nossa cidade e organize tudo em seu palácio. Devo retornar em uma semana. Mesmo que eu me atrase, meu amo ficará aqui até eu voltar.

O sultão ofereceu alguns soldados para acompanharem Keejee'paa, mas ela afirmou que preferia ir sozinha, pois, como ficou provado na última viagem, era perfeitamente capaz de cuidar de si mesma. Assim, despediram-se e a gazela partiu.

Keejee'paa, no entanto, não tomou a direção da aldeia. Seguiu por uma estrada que atravessava a floresta e chegou a uma cidade muito rica, com casas grandes e elegantes. Caminhou por quase toda a rua principal e se espantou ao perceber que o lugar parecia desabitado, pois não encontrou nenhum homem, mulher ou criança.

Ao final da rua, se deparou com a maior e mais linda casa que já vira, feita de safira, turquesa e mármore.

— Uau! — exclamou a gazela. — Essa casa é perfeita para meu amo. Só preciso ter coragem para verificar se está abandonada como as outras nesta estranha cidade.

— Ô de casa! — Keejee'paa gritou e bateu à porta várias vezes, sem que ninguém atendesse.

— Que estranho — disse para si mesma. — Se tivessem saído, a porta estaria fechada por fora. Talvez estejam nos fundos da casa, ou dormindo. Vou gritar mais alto.

Chamou novamente, em um grito alto e prolongado.

— Ô de caaa-sa! Olá-ááá!

Em seguida uma senhora respondeu lá de dentro:

— Quem está gritando tanto aí fora?

— Sou eu, sua neta, vovó! — berrou Keejee'paa.

— Se você é mesmo minha neta, volte logo para sua casa — respondeu a senhora. — Aqui você morrerá e me matará junto.

— Vamos, abra a porta, vovó! Quero falar com a senhora rapidinho.

— Minha neta, eu só não abro porque tenho medo de colocar a sua vida e a minha em risco.

— Não precisa se preocupar. Será breve, não há perigo. Abra a porta e converse um pouco comigo.

Finalmente a senhora abriu. Cumprimentaram-se e abraçaram-se.

— Pois então, como estão as coisas na sua cidade, minha neta? — perguntou a mulher.

— Ah, está tudo muito bem. E por aqui, novidades?

— Ah, as coisas aqui vão mal... — suspirou a velha. — Se alguém quiser morrer, aqui é o lugar certo. Você verá muita morte hoje, não tenha dúvida.

— Se uma mosca morre presa no mel, isso não é ruim nem para ela nem para o mel — ponderou Keejee'paa.

— Você pode caçar o quanto quiser — insistiu a senhora —, mas se homens armados com espadas e escudos foram mortos, acha que uma coisinha pequena como você

tem alguma chance? Volte para o lugar de onde veio, eu lhe imploro. Parece que estou mais preocupada com sua segurança do que você.

— A questão é que não posso voltar agora. Além disso, quero saber mais sobre este lugar. De quem é esta casa?

— Ah, minha neta, nesta casa há muitas riquezas. Várias pessoas moram aqui e também há centenas de cavalos. A dona é Neeo'ka Mkoo, a serpente gigante. Toda essa cidade pertence a ela.

— Hum, é mesmo? E por acaso a senhora pode me ajudar a encontrar essa grande serpente, para que eu possa matá-la?

— Misericórdia! — exclamou a velha, assustada. — Não diga isso! Você já me colocou em perigo vindo aqui! Neeo'ka Mkoo pode ouvir tudo o que é dito em qualquer lugar desta casa. Eu sou só uma pobre coitada, às voltas com tachos e panelas, porque sou obrigada a cozinhar para ela. Quando a grande serpente se aproxima, o vento começa a soprar e a poeira levanta como se fosse cair um temporal. Ela vem até o pátio, come tudo o que vê pela frente, depois entra para beber água. Então vai embora outra vez. Faz isso dia sim, dia não, sempre ao meio dia. Além disso, eu disse que ela tem sete cabeças? Ainda acha que é páreo para Neeo'ka Mkoo?

— Já disse, senhora, não precisa se preocupar comigo — repetiu Keejee'paa. — E essa grande serpente não teria uma espada?

— Tem, sim. Está aqui. — A velha foi até uma parede onde havia uma linda e afiada lâmina e a entregou a Keejee'paa. — Mas não sei de que isso adiantaria. Já estamos todos condenados.

— Isso é o que veremos.

E bem nesse momento um forte vento começou a soprar levantando poeira, como se uma grande tempestade se aproximasse.

— Está ouvindo? É a serpente gigante que se aproxima! — exclamou a idosa.

— Gigante, nada! — retrucou Keejee'paa. — Eu também sou bem grande e tenho a vantagem de estar aqui dentro. Há momentos em que dois é demais. Só um de nós viverá nesta casa.

Mesmo aterrorizada como estava, a senhora sorriu diante do excesso de confiança vindo de uma gazela tão pequena. Repetiu que a serpente já havia matado muitas pessoas armadas com espadas e escudos.

— Já chega dessa ladainha — interrompeu a gazela. — Não se julga um livro pela capa. Espere e verá, vovó.

Dali a poucos minutos Neo'ka Mkoo entrou no pátio e começou a remexer as panelas. Então foi até a porta.

— Olá, senhora! — disse a serpente. — Que cheiro é esse aí dentro, que eu nunca senti antes?

— Não é nada — respondeu a velha. — Ando tão ocupada que não tive tempo de tomar banho, por isso passei perfume hoje cedo. É isso o que você está sentindo.

Keejee'paa já havia desembainhado a espada e esperava atrás da porta. Quando Neeo'ka esticou seu pescoço para olhar dentro da casa, sua cabeça foi cortada em um golpe tão rápido que ele nem se deu conta. Colocou a segunda cabeça para fora e foi decapitado com a mesma agilidade.

— Quem está aí me arranhando? — gritou a serpente, irritada.

Então esticou sua terceira cabeça, que também foi decepada.

Dessa mesma maneira, seis cabeças foram cortadas, até que Neeo'ka Mkoo deu um salto esticando-se toda, levantando tanta poeira que a gazela e a velha já não podiam enxergar nada. Então enfiou sua sétima cabeça dentro da casa.

— Sua hora chegou! — bradou Keejee'paa. — Você já subiu em muitas árvores, mas essa é grande demais para você!

E após ser decapitada pela sétima e última vez, Neeo'ka Mkoo foi ao chão, sacudindo-se até morrer.

A senhora, mesmo em seus setenta e cinco anos, pulou, gritou e riu como uma garotinha. Então foi buscar água e começou a borrifar todo o corpo de Keejee'paa, até fazê-la

espirrar. A idosa ficou ainda mais feliz e abanou e acariciou a gazela para que descansasse.

— Céus! Quem diria que você seria mesmo capaz de vencê-la, minha neta? — comemorou a senhora.

— Pois é! Seu reinado acabou. Agora me mostre o resto da casa.

Percorreram toda a casa. Viram despensas e armários cheios de comidas caras, calabouços onde pessoas eram mantidas presas há muito tempo, inúmeros escravos e muito mais.

Em seguida Keejee'paa perguntou se havia a chance de alguém vir a reclamar o lugar ou causar qualquer tipo de problema.

— Não, ninguém. Tudo isto é seu agora — respondeu a idosa.

— Pois muito bem — tornou a gazela. — A senhora fique aqui e cuide de tudo até eu voltar com meu amo. Ele é o dono desta casa agora.

Keejee'paa passou três dias avaliando a casa.

— Quando meu amo vir isso tudo, ficará muito satisfeito com o que consegui para ele — disse para si mesma. — Será uma vida muito diferente da qual estava acostumado. Seu sogro também ficará impressionado, pois nenhuma outra casa da cidade se compara a esta.

Foi embora no quarto dia, bem a tempo de chegar na cidade do sultão dentro do prazo prometido. Todos ficaram muito felizes com seu retorno, principalmente o sultão. E Haamdaa'nee sentia-se como se tivesse renascido.

Passada a euforia do reencontro, Keejee'paa disse a seu amo que se preparasse para a viagem até sua nova casa, dali a quatro dias. Então foi até o sultão e avisou que os recém-casados se mudariam para a cidade natal do noivo. No começo, o soberano foi contra, mas enfim cedeu quando a gazela explicou que era esse o desejo do sultão Daaraa'ee.

No dia da partida, uma grande comitiva liderada por Keejee'paa e composta por damas de companhia, escravos e cavaleiros se reuniu para acompanhar o falso sultão e sua esposa.

Viajaram por três dias, com pausas para o almoço e paradas à noite para comer e dormir. Levantavam-se no dia seguinte cedo e continuavam. Keejee'paa mal descansou durante toda a jornada. Cuidava de todos, dos escravos às damas, verificando se estavam confortáveis e comendo bem. Logo tornou-se querida por todos.

Na tarde do quarto dia, avistaram enfim um conjunto de casas e foram avisar Keejee'paa.

— Sim, chegamos à nossa cidade — confirmou a gazela.
— Aquela construção ao fundo é o palácio do sultão Daaraa'ee.

A comitiva entrou no vilarejo e se reuniu no terraço. Keejee'paa entrou na casa com os noivos.

Ao rever a gazela, a velha senhora começou a dançar e gritar de alegria, como havia feito após a morte de Neo'ka Mkoo. Chegou inclusive a beijar seus pés.

— Já chega, senhora — pediu Keejee'paa. — Quem deve ser celebrado é meu amo, o sultão Daaraa'ee. Sempre que ele estiver presente, beije seus pés, pois ele deve ser tratado com a maior distinção.

A velha se desculpou por não conhecer seu novo patrão. Keejee'paa e seu amo foram inspecionar toda a casa. O sultão ordenou que todos os presos fossem libertados, que os cavalos fossem soltos no pasto e que fosse feita uma faxina em todos os cômodos. Enquanto alguns criados se ocupavam com esses afazeres, outros preparavam a comida. Então os quartos foram divididos entre os membros da comitiva e todos ficaram satisfeitos.

Passado algum tempo, as damas de companhia da noiva quiseram voltar para suas casas. Apesar das súplicas de Keejee'paa, de quem gostavam mil vezes mais do que do novo sultão, as mulheres foram embora levando muitos presentes dados pela gazela. Logo a rotina se reestabeleceu.

Certo dia Keejee'paa falou à velha:

— Meu amo é uma pessoa um tanto estranha. Desde que nos conhecemos, fiz de tudo para ajudá-lo. Encontrei

esta cidade e enfrentei muitos perigos para que ele pudesse ficar com tudo ao final. No entanto, nunca me perguntou como eu consegui achar isso aqui e dar uma casa deste tamanho para ele. Tampouco quis saber quem era o verdadeiro dono, se eu comprei ou estou alugando, e o que houve com os habitantes. Sinceramente, não o entendo. E tem mais. Sempre fiz de tudo para ele e nunca me ofereceu nenhuma ajuda. Nada aqui é dele. Desde que nasceu, nunca havia visto uma cidade ou casa como estas, não tem e nunca teve nada. As pessoas mais velhas estavam certas quando diziam “se for fazer o bem a alguém, não exagere. Seja mau de vez em quando, para que lhe deem valor”. Enfim, fiz tudo o que podia e gostaria que ele retribuísse um pouco.

Na manhã seguinte a idosa acordou com os gritos da gazela.

— Vovó! Vovó!

Keejee'paa tinha dor de estômago, febre e dor nas pernas.

— Avise meu amo que estou muito doente — pediu a gazela.

O sultão Daaraa'ee estava no andar de cima, sentado com sua esposa em um banco de mármore coberto por almofadas de seda indiana.

— O que quer, velha? — perguntou ele.

— Ah, meu senhor, Keejee'paa está doente!

— Céus! O que ela tem? — interveio a esposa.

— Todo seu corpo dói. Uma doença generalizada.

— É o que é que eu posso fazer? — desdenhou Daaraa'ee.

— Apanhe um pouco de milho vermelho e faça um mingau para ela. Afinal, não comemos esse tipo de coisa.

— Pelos deuses! — exclamou a sultana. — Você quer dar ela algo que nem nossos cavalos comem? Como tem coragem?

— Ora, não me amole! — retrucou ele. — Você está louca. Nós comemos arroz! Milho é mais do que uma gazela de dez centavos merece.

— Ela não é uma gazela comum! Deveria tratá-la como se fosse parte de você. Se ela está com problemas, isso também lhe afeta — disse a esposa de Daaraa'ee.

— Você fala demais! — respondeu o marido e, voltando-se à velha criada, ordenou:

— Faça como mandei.

A senhora desceu novamente e, ao ver a gazela, começou a chorar.

— Oh, céus! Oh, céus!

Keejee'paa precisou insistir muito até que a velha lhe contasse o que seu amo havia dito.

— Ele realmente mandou que você fizesse mingau de milho vermelho para mim? — perguntou a gazela.

— E eu diria uma coisa dessas se não fosse verdade?

— Isso só confirma que os mais velhos tinham razão.

Ainda assim, darei outra chance a ele. Suba novamente e diga que estou tão doente que nem consegui comer o mingau.

A idosa encontrou o sultão e sua esposa tomando café ao lado da janela.

— O que foi agora, velha? — disse Daaraa'ee ao vê-la.

— Amo, Keejee'paa me pediu para vir falar com o senhor. Ela está muito doente e não conseguiu comer o mingau que fiz.

— Mas que chateação! — exclamou ele. — Pois morda sua língua, plante seus pés no chão, pregue seus olhos e enfie cera nos ouvidos! Assim, se a gazela pedir para você voltar aqui, diga que seus pés estão presos. Se pedir para você escutar, diga que não consegue ouvir nada. Se pedir para você olhar, diga que não consegue enxergar. E se ela quiser que você fale, diga que sua língua não lhe obedece!

Ao ouvir tais palavras, a senhora ficou imóvel, aturdida. A esposa, tomada de tristeza, começou a chorar.

— E qual é o seu problema, filha do sultão? — disse Daaraa'ee ao ver suas lágrimas.

— Sofro ao ver a loucura tomar conta de um homem — respondeu ela.

— Por que diz isso, mulher?

— A forma como você trata Keejee'paa me entristece. Sempre que falo bem dela, você se irrita. Infelizmente, sua razão lhe abandonou.

— Como se atreve a falar assim comigo? — esbravejou Daaraa'ee.

— Um bom conselho é uma bênção, quando seguido. Um marido deve aconselhar sua esposa, que deve fazer o mesmo por ele. Dessa forma, ambos são abençoados.

— Deixe de asneiras — retrucou ele, impaciente. — Você está claramente louca e deveria ser acorrentada.

E virando-se para a criada, disse:

— Não dê atenção a ela. Diga à gazela que pare de me amolar como se o sultão aqui fosse ela. Não consigo mais comer, nem beber ou dormir, com tantas reclamações. Primeiro, a gazela fica doente. Depois, não quer comer mingau. Vai entender! Se tiver fome, que coma, se não, que morra e pare de aborrecer! Já perdi meu pai, perdi minha mãe, mas ainda estou aqui, vivo e comendo de tudo. Agora tenho que ficar satisfazendo os desejos de uma gazela que custou dez centavos? Diga a ela para se colocar em seu lugar!

Quando a senhora desceu novamente, a gazela estava com a boca sangrando e com um aspecto terrível.

— Minha querida, todo o bem que você fez foi em vão, mas tenha paciência — disse a anciã.

A gazela chorou ao saber das palavras de seu amo.

— Vovó, estou morrendo. Não por causa da doença, mas de vergonha e ódio pela ingratidão desse homem.

Passado algum tempo, Keejee'paa pediu à mulher para avisar o sultão que sua morte não tardaria. A senhora subiu as escadas e encontrou Daaraa'ee chupando cana de açúcar.

— Amo, a gazela piorou. Pelo visto, são poucas as chances de se recuperar.

— Já não disse para parar de me amolar com esse assunto? — respondeu o sultão.

— Ah, meu marido, por favor desça e vá vê-la — pediu sua esposa. — Se não quiser, ao menos deixe que eu vá. Você nunca faz nada de bom para ela.

Daaraa'ee continuou impassível e disse à senhora:

— Diga para aquela gazela barata que pode morrer dez vezes, se quiser.

— O que Keejee'paa fez a você, meu marido? — insistiu a sultana. — Ela lhe fez algum mal? Você a trata como inimiga, porém, sabemos que ela não poderia estar mais longe disso. É muito querida por todos. O que diriam ao saber de sua falta de consideração? Por favor, seja gentil com ela, sultão Daaraa'ee.

Sem discutir o assunto, mais uma vez o sultão disse que sua esposa estava louca.

A senhora voltou ao andar de baixo e viu que a gazela havia piorado muito.

Aproveitando um momento de descuido, a esposa do sultão conseguiu um pouco de arroz para que cozinhassem e dessem a Keejee'paa. Também mandou entregarem um cobertor, além de disponibilizar o médico particular de seu pai para que cuidasse da gazela.

No entanto, era tarde demais. Keejee'paa já estava morta quando esses cuidados chegaram.

A notícia de sua morte abalou a todos. Alguns se desesperavam aos gritos e lágrimas. O sultão Daaraa'ee ficou indignado com tamanha comoção.

— Tanto alvoroço por causa da morte de uma gazela de dez centavos? Agem como se fosse eu que tivesse morrido!

Sua esposa mais uma vez falou em favor de Keejee'paa:

— Foi a gazela que organizou nosso casamento. Ela pediu minha mão a meu pai em seu nome. Ela lhe deu muitas coisas boas. Você não teria nada sem ela. Keejee'paa fez de tudo para lhe ajudar e você não só pagou com ingratidão, como mandou que a jogassem em um poço. Deixe-nos ao menos expressar nosso luto.

Foi em vão. O corpo de Keejee'paa foi atirado no poço.

A sultana então escreveu uma carta a seu pai, com a orientação de ser entregue por emissários de confiança.

Quando a recebeu, o sultão organizou imediatamente uma visita à sua filha.

O sultão chegou acompanhado do vizir, juízes, nobres e criados. Ficaram chocados ao saber da morte da gazela, e mais ainda com a forma desrespeitosa como fora tratada. Todos se dirigiram ao poço onde seu corpo havia sido jogado, içaram-no e enterraram-no devidamente.

Naquela noite a filha do sultão sonhou que estava de volta à casa de seu pai. Ao acordar, constatou que estava de fato em seu antigo quarto, em sua cidade natal.

E Haamdaa'nee sonhou que estava de volta ao lixo, escavando atrás de comida. Ao acordar, viu suas mãos afundadas no barro, procurando grãos em meio à imundície. Com uma expressão confusa, olhou ao redor e disse:

— Quem me pregou essa peça? Como voltei aqui?

Algumas crianças passavam ali perto e começaram a rir e a caçoar dele:

— Olá, Haamdaa'nee! Onde você estava? De onde veio? Pensávamos que tinha morrido há muito tempo!

A filha do sultão viveu feliz com seu povo até o fim da vida, enquanto o mendigo continuou procurando comida no lixo até morrer.

Se esta for uma boa história, que o bem que ela carrega se espalhe a todos. Se for ruim, o agravo é apenas de quem a contou.

MKAA'AH JEECHO'NEE, O PEQUENO CAÇADOR

GEORGE W. BATEMAN

O sultão Maaj'noon tinha sete filhos e um grande gato. Amava muito a todos.

Tudo ia bem até que um dia o gato matou um bezerro. Quando foram avisar o sultão, ele respondeu:

— Ora, o gato é meu e o bezerro também.

— Como quiser, amo. — E o assunto foi esquecido.

Alguns dias depois o gato capturou uma cabra. Novamente os súditos foram ao sultão.

— O gato é meu e a cabra também. — E isso resolveu a questão.

Mais dois dias se passaram e o gato matou uma vaca. Uma vez mais o sultão deu fim às reclamações.

— Tanto o gato quanto a vaca são meus.

Dois dias mais e um burro foi morto pelo felino. A resposta foi a mesma.

Em seguida um cavalo. A resposta foi a mesma.

A vítima seguinte foi um camelo. Diante das reclamações, o sultão zangou-se.

— O que incomoda vocês? Todos os dias se queixam do meu gato. Parece que não gostam dele e querem me convencer a matá-lo. Deixem que coma o que quiser.

Pouco tempo depois o felino matou uma criança, depois, um homem adulto. A cada nova denúncia, o sultão reforçava que tanto o gato quanto as vítimas pertenciam a ele, e assim se encerrava o assunto.

Enquanto isso, a ousadia do grande animal só aumentava. Ele agora rondava uma clareira próxima à cidade, caçando e devorando pessoas que iam buscar água ou animais que pastavam ali perto.

Um pequeno grupo de pessoas tomou coragem e foi reclamar com o sultão.

— Por que permite isso, amo? Como nosso sultão, é sua obrigação... ou deveria ser... nos proteger. Seu gato faz o que quer! Vive nos arredores da cidade, onde mata qualquer pessoa ou animal que se aproxima. E à noite ele perambula por nossas ruas fazendo o mesmo. O que podemos fazer?

A resposta de Maaj'noon foi breve.

— Vocês mostram que realmente odeiam meu gato. Imagino que queiram que eu o mate, mas não farei isso. Sou o dono de tudo o que ele come.

Como era de se esperar, os súditos ficaram atônitos com as palavras do sultão. Ninguém se atreveria a matar o gato, por isso tiveram que se mudar para outro bairro. De nada adiantou, pois quando o felino se viu sem caça, também mudou o local de seus ataques.

As reclamações continuaram a chegar até que o sultão Maa'j'noon avisou que não atenderia mais ninguém que viesse fazer acusações contra seu gato.

A situação chegou a tal ponto que as pessoas não saíam mais de casa, tampouco deixavam seus animais ao ar livre. O gato então começou a se deslocar para o interior do país, matando bois, galinhas e todo tipo de criação que encontrava.

Um dia o sultão disse a seus seis filhos mais velhos:

— Vou para o campo hoje ver como andam as coisas por lá. Venham comigo.

O caçula era jovem demais para sair, por isso ficava sempre em casa com as mulheres. Seus irmãos o chamavam de Mkaa'ah Jeecho'nee, que quer dizer *senhor-sentado-na-cozinha*.

Os seis filhos seguiram seu pai e logo chegaram a um denso bosque. O gato saltou de dentro da floresta e matou três dos rapazes que vinham por último.

Os criados gritaram e o soldados pediram permissão para procurá-lo e matá-lo. O sultão autorizou-os, dizendo:

— Esse não é um gato comum, é um noon'dah. Tirou três filhos de mim!

Ninguém nunca havia visto um noon'dah, mas sabiam que era uma fera terrível, capaz de matar qualquer animal.

O sultão ainda lamentava a perda de seus filhos quando alguns de seus súditos vieram falar com ele.

— Meu amo, esse noon'dah não faz distinção entre suas presas. Ele não diz “Este é o filho do meu senhor, não farei mal a ele” ou “Aquela é a esposa do meu amo, não a comerei”. Quando avisávamos sobre as mortes causadas por ele, o senhor nos dizia que o gato era seu e o que ele caçava também. Agora ele matou seus filhos e facilmente mataria o senhor também.

— Infelizmente vocês têm razão — concordou o sultão.

O gato matou ainda alguns dos soldados que foram atrás dele. O restante fugiu. O sultão e seus outros filhos levaram os cadáveres para a cidade e os enterraram.

Quando Mkaa'ah Jeecho'nee, o sétimo filho, soube da morte de seus irmãos, declarou à sua mãe:

— Vou atrás desse noon'dah. Se ele não me matar como fez com meus irmãos, eu o matarei.

— Não quero que você vá — respondeu a mulher. — Já perdi três filhos. Se você também morrer, será uma ferida a mais em meu coração.

— Ainda assim, tenho de ir. Por favor, não diga nada ao meu pai.

Sua mãe lhe preparou algumas tortas para a viagem e mandou que alguns criados o acompanhassem. Mkaa'ah armou-se com uma espada e uma grande lança, afiada como uma navalha. Despediu-se e partiu.

Como nunca havia saído de casa, Mkaa'ah não sabia muito bem o que procurar. Mal havia deixado a cidade quando se deparou com um grande cachorro. Concluiu que era sua presa. Matou o animal, amarrou-o e arrastou-o até sua casa, cantando:

— O que nos comia, mamãe, não terá mais fome.

Eu matei o noon'dah, comedor de homens.

Sua mãe estava na parte alta da casa e a cantoria a atraiu até a janela. Ao ver o animal abatido, disse:

— Meu filho, esse não é noon'dah, o comedor de homens.

Mkaa'ah Jeecho'nee largou a carcaça no chão e entrou em casa.

— Meu querido, o noon'dah é maior que esse animal — explicou sua mãe. — Mas se eu fosse você, desistiria dessa caça e ficaria em casa.

— Não posso! — exclamou ele. — Só volto para casa quando encontrar e matar o noon'dah.

E assim partiu novamente, indo muito mais longe do que no primeiro dia. Logo encontrou uma civeta e pensou ser o animal que procurava. Matou-a, amarrou-a e arrastou-a até sua casa, cantando:

— *O que nos comia, mamãe, não terá mais fome.*

Eu matei o noon'dah, comedor de homens.

Ao ver a nova presa de seu caçula, a mulher disse:

— Meu filho, esse não é noon'dah, comedor de homens.

E Mkaa'ah livrou-se do animal.

Uma vez mais sua mãe tentou convencê-lo a ficar em casa. Mkaa'ah Jeecho'nee não lhe deu atenção e partiu novamente.

Desta vez chegou até a floresta, onde viu um gato ainda maior do que a civeta. Matou-o, amarrou-o e arrastou-o até sua casa, cantando:

— *O que nos comia, mamãe, não terá mais fome.*

Eu matei o noon'dah, comedor de homens.

Mas assim que a mulher viu a caça, repetiu:

— Meu filho, esse não é noon'dah, o comedor de homens.

Mkaa'ah Jeecho'nee sentiu-se bastante frustrado, obviamente. E sua mãe continuou:

— Onde você vai procurar esse noon'dah? Você não sabe onde ele está e nunca o viu. Vai acabar doente, já está até abatido. Deixe disso e fique em casa.

— Há apenas três possibilidades para mim — retrucou o menino. — Encontrarei o noon'dah e o matarei; morrerei tentando; ou voltarei para casa como um fracassado. Seja como for, partirei novamente.

Foi ainda mais longe e encontrou uma zebra. Matou-a, amarrou-a e arrastou-a até sua casa, cantando:

— O que nos comia, mamãe, não terá mais fome.

Eu matei o noon'dah, comedor de homens.

E claro que, mais uma vez, sua mãe teve que lhe dizer:

— Meu filho, esse não é noon'dah, comedor de homens.

Após uma longa discussão, em que a mulher foi mais uma vez incapaz de convencer o filho a ficar, Mkaa'ah Jeecho'nee partiu novamente. Foi ainda mais longe e capturou uma girafa. Após matá-la, disse:

— Desta vez consegui. Certamente este é noon'dah.

E a arrastou para casa, cantando:

— O que nos comia, mamãe, não terá mais fome.

Eu matei o noon'dah, comedor de homens.

De novo sua mãe o desiludiu.

— Meu filho, esse não é noon'dah, comedor de homens.

A mulher argumentou ainda que seus irmãos não andavam por aí atrás do comedor de homens. Estavam em casa cuidando de suas próprias vidas. Mkaa'ah apontou que nem todos os irmãos são iguais. Estava determinado a cumprir seu propósito de matar o noon'dah, e uma vez mais saiu em seu encalço, caminhando uma distância ainda maior.

Passava por um campo deserto quando avistou um rinoceronte dormindo debaixo de uma árvore.

— Lá está noon'dah, finalmente! — disse a seus criados.

— Onde, senhor? — perguntaram, ansiosos.

— Ali, debaixo da árvore.

— Ah, sim! E o que devemos fazer?

— Antes de mais nada, vamos comer, depois o atacaremos — respondeu o menino. — Ele está em um lugar desprotegido, mas se nos matar, de nada adiantará.

Então pararam-se para comer as tortas de araruta que haviam trazido. Após a refeição, Mkaa'ah Jeecho'nee deu suas ordens.

— Cada um pegue duas armas. Deixem uma preparada a seu lado e empunhem a outra. Na hora certa, dispararemos todos juntos.

Todos obedeceram.

Rastejaram com cuidado por entre os arbustos até chegarem do outro lado da árvore, para surpreender o ri-

noceronte por trás. Quando chegaram bem perto, todos dispararam ao mesmo tempo. O gigante deu um pulo, correu alguns metros e caiu em seguida.

Amarraram o paquiderme e o arrastaram por dois dias até a cidade. Uma vez lá, Mkaa'ah Jeecho'nee entoou mais uma vez a canção:

— *O que nos comia, mamãe, não terá mais fome.*

Eu matei o noon'dah, comedor de homens.

No entanto, recebeu a mesma resposta de sua mãe:

— Meu filho, esse não é noon'dah, comedor de homens.

Muitas pessoas vieram olhar o rinoceronte morto e sentiram pena do rapaz. Seus pais imploraram para que desistisse. O sultão chegou a oferecer qualquer coisa que ele quisesse para ficar em casa.

— Nada disso me interessa. Adeus — Mkaa'ah Jeecho'nee disse antes de sair novamente.

Desta vez afastou-se ainda mais de sua aldeia. Chegou a um local onde encontrou um elefante dormindo na floresta durante o dia.

— Agora sim encontramos o noon'dah — disse aos seus criados.

— Onde?

— Ali, naquela sombra. Estão vendo?

— Sim, amo. Vamos atacá-lo?

— Não sabemos para que lado está virado. Se chegarmos pela frente, ele nos ataca e nos mata. O melhor é que um de nós se aproxime e verifique onde está sua cara.

Todos gostaram da ideia e um escravo chamado Kee-robo'to rastejou até conseguir ter uma boa visão do animal. Arrastou-se de volta e Mkaa'ah perguntou:

— E então? É o noon'dah?

— Não posso afirmar com certeza. Mas acho que tem grandes chances de ser. É um bicho muito grande, com a cabeça enorme. E pelos deuses, nunca vi orelhas daquele tamanho!

— Muito bem — disse seu amo. — Vamos comer e então o matamos.

Comeram suas tortas de araruta e bolos de melão. O rapaz então anunciou a seus criados:

— Homens, talvez este seja nosso último dia sobre esta terra. Quem conseguir escapar, bem; quem morrer, paciência. Se eu morrer, digam aos meus pais que não lamentem minha morte.

— Não diga isso, amo! Ninguém vai morrer, se Deus quiser — disseram os escravos.

Engatinharam para mais perto do elefante.

— Qual é o plano, senhor? — perguntou um deles.

— Não há plano. Vamos atirar todos juntos.

Assim fizeram e, após ser atingido pelos tiros, o elefante levantou-se e correu na direção deles, furioso. Com um grande alvoroço, largaram tudo e correram para as árvores, que escalaram com surpreendente agilidade.

O elefante continuou correndo até que caiu a uma curta distância de onde estavam.

Passaram a noite nas árvores, desagasalhados e sem comida.

Mkaa'ah Jeecho'nee, sentado em um galho, começou a chorar.

— Não sei bem o que é a morte, mas deve ser bem parecida com isto.

Como não podia ver seus companheiros, não sabia onde estavam. Embora quisesse descer da árvore, pensou: “Talvez o noon'dah esteja no chão aqui embaixo, esperando para me comer”.

Cada um dos escravos estava na mesma situação. Sem conseguir ver os outros e com medo de descer e ser atacado pelo comedor de homens.

Keerobo'to havia visto o elefante cair, mas também lhe faltava coragem. “Pode estar caído, mas ainda vivo”, pensava.

No entanto, logo um cachorro se aproximou para cheirar o elefante. Nesse momento, o criado teve certeza de que

estava morto. Keerobo'to desceu da árvore o mais rápido que pôde e gritou para avisar aos outros. Alguém o chamou de volta e, sem saber de onde veio a resposta, gritou novamente e aguçou os ouvidos. Desta vez pôde identificar o local e correu para lá. Encontrou dois de seus companheiros em uma das árvores.

— Desçam, o noon'dah está morto! — anunciou.

Reunidos, os três foram procurar seu amo. Com a confirmação, Mkaa'ah Jeecho'nee enfim desceu de sua árvore. Logo o grupo estava completo novamente. Todos recolheram suas armas e suas roupas. No entanto, estavam fracos e famintos, por isso comeram e descansaram antes de irem examinar o animal abatido.

Assim que Mkaa'ah Jeecho'nee o viu, declarou:

— Ah, esse sim é o noon'dah! É ele! É ele!

E todos concordaram.

Arrastaram o elefante por três dias até a cidade e, ao chegarem, o rapaz começou a cantar:

— *O que nos comia, mamãe, não terá mais fome.*

Eu matei o noon'dah, comedor de homens.

Logicamente Mkaa'ah Jeecho'nee ficou muito chateado quando sua mãe disse:

— Meu filho, esse não é noon'dah, comedor de homens.

E a mulher acrescentou:

— Pobrezinho! Quantas infelicidades já teve! Todos estão admirados que um rapaz tão jovem já conheça tantas coisas.

Seus pais repetiram as súplicas até que Mkaa'ah concordou que seria sua última expedição, independentemente do resultado.

O grupo partiu novamente e foram ainda mais longe. Atravessaram a floresta e chegaram ao pé de uma montanha muito alta, onde acamparam durante a noite.

Na manhã seguinte, cozinharam arroz para o desjejum.

— Vamos subir até o topo desta montanha para que tenhamos uma visão de todo o território — propôs o jovem caçador.

Subiram por muito tempo até chegarem ao topo. Uma vez lá, sentaram-se para definir os próximos planos.

Um dos criados, chamado Shindaa'no, andava pela encosta quando avistou um animal no meio da trilha que subia para a montanha. No entanto, a distância e as árvores o impediam de ver nitidamente. Chamou seu amo e lhe apontou a fera. Algo no coração de Mkaa'ah Jeecho'nee confirmava que aquele era enfim o noon'dah. Ainda assim, apanhou sua arma e sua lança e desceu parte da montanha, para ver melhor e se certificar.

— Deve ser mesmo o noon'dah — pensou alto. — Minha mãe disse que tinha orelhas pequenas, e as dele são assim. Disse que o noon'dah é robusto e forte, como aquele animal. Que tem manchas como uma civeta, e lá estão elas. E que sua cauda era grossa como aquela. Deve ser o noon'dah, sem dúvida.

Voltou para onde estavam os criados e mandou fazerem uma refeição reforçada. Ordenou que deixassem qualquer item desnecessário para trás. Se tivessem que fugir correndo, nada os atrapalharia, e se tivessem sucesso na caça poderiam voltar depois.

Após esses preparativos, começaram a descer a montanha. Na metade do caminho, Mkaa'ah percebeu que Kee-robo'to e Shindaa'no estavam aterrorizados.

— Continuem, não há razão para se afligirem — exortou. — Todos vivem e morrem, então por que ter medo?

E com esse encorajamento, prosseguiram.

Ao chegarem perto do local onde a fera estava, Mkaa'ah Jeecho'nee ordenou que todos tirassem suas vestes, exceto pela roupa íntima, que deveria estar bem justa ao corpo para que não se prendesse em espinhos ou galhos caso precisassem correr.

Aproximaram-se mais um pouco e viram que o animal dormia. Concordaram que se tratava do noon'dah.

— O sol já vai se pôr — disse o jovem. — Atiramos agora ou esperamos até amanhã?

Estavam todos muito nervosos para esperar, por isso decidiram atirar imediatamente.

Acercaram-se cautelosamente e, após o comando de Mkaa'ah, todos dispararam ao mesmo tempo. O noon'dah sequer se moveu, a artilharia fora fatal. Os caçadores então retornaram ao acampamento, comeram e descansaram.

Na manhã seguinte, após o café da manhã, encontraram o cadáver no mesmo lugar.

Após se refazerem, tomaram o caminho de volta para casa, arrastando seu prêmio com eles. No quarto dia, o corpo começou a se decompor e os criados quiseram abandoná-lo. Mkaa'ah Jeecho'nee exigiu que continuassem mesmo que restasse apenas um osso.

Ao chegarem nos arredores da cidade, o jovem mais uma vez cantou:

— *Estou de volta, mamãe, eis-me aqui.*

Visitei maus espíritos e os venci.

Ouçã, mamãe, meu canto de vitória:

Cacei a presa, alcancei a glória.

O que nos comia, mamãe, não terá mais fome.

Eu matei o noon'dah, comedor de homens.

Sua mãe saiu à janela e gritou:

— Meu filho, esse é noon'dah, comedor de homens!

Todos saíram à rua para recebê-lo. O sultão Maaj'noon ficou exultante e o cobriu de honrarias, além de arranjar-lhe casamento com uma bela e rica esposa. Mkaa'ah Jeecho'nee se tornou sultão após a morte de seu pai e, querido por todos, teve uma vida longa e próspera.

O QUE OS MATOU?

ROBERT HAMILL NASSAU

Personagens

Mbwa (cachorro)

Kudu (jabuti)

Mbala (esquilo)

PREFÁCIO

O cachorro e o esquilo tinham a mesma idade e ambos tiveram o mesmo fim. A obsessão de cada um foi a causa de sua morte.

O cachorro Mbwa, o esquilo Mbala, o jabuti Kudu e outros animais viviam todos em uma mesma aldeia. Na época, todos se alimentavam com o mesmo tipo de comida. De repente, a paz que reinava no local acabou, então Mbala e Mbwa propuseram a Kudu:

— Vamos nos separar e viver em paz cada um em sua própria aldeia. Se você quiser, Kudu, pode continuar morando aqui com os outros.

O esquilo anunciou que se mudaria para um lugar a cerca de cinco quilômetros ao norte. O cachorro escolheu um local cinco quilômetros na direção oposta. Assim, todos se instalaram em seus pequenos povoados.

Certo dia Mbala avisou sua esposa:

— Vou visitar meu amigo Mbwa.

E viajou, acompanhado de uma de suas esposas, até chegar à casa do cachorro. Lá, foram recebidos e entretidos por Mbwa, que matou uma ave para o jantar.

Mbwa e Mbala ficaram conversando na sala de estar enquanto as mulheres cozinhavam. Passado algum tempo, o cachorro pediu licença para ver como estava o preparo do jantar. Deixou o esquilo sozinho e foi para os fundos da casa, onde deitou-se em frente à lareira.

Lá ficou até que o jantar ficasse pronto. Então voltou para onde estava seu amigo e arrumou a mesa. Em seguida as mulheres chegaram com os pratos e sentaram-se todos para a refeição.

Durante o jantar, Mbala perguntou:

— Meu amigo! Aonde você foi enquanto as mulheres cozinhavam? Fiquei sozinho na sala.

— Ah, você sabe o quanto eu gosto de fogo. Quando estávamos conversando, o frio me incomodou.

— Você gosta de fogo até demais. Um dia ele será sua morte.

Após a refeição, o esquilo preparou-se para voltar à sua aldeia.

— Meu amigo Mbwa, devo esperar sua visita para daqui a quantos dias? — perguntou ao cachorro.

— Irei em dois dias — respondeu Mbwa.

Ao chegar em casa, as esposas e filhos de Mbala lhe contaram o que havia se passado em sua ausência. Por sua vez, o esquilo contou o que havia visto na casa do cachorro.

— E notei uma coisa. Meu amigo Mbwa é obcecado por fogo — acrescentou.

Dali a dois dias, Mbwa foi visitá-lo. Mbala matou uma ave e pediu para sua esposa prepará-la para o jantar. Enquanto esperavam, os dois amigos sentaram-se na sala de estar para conversar.

— Com licença, já volto — disse o esquilo.

Então saiu para o quintal e subiu em uma bananeira para comer as bananas que já estavam maduras. Depois de algum tempo, desceu e voltou à casa para arrumar a mesa. Em seguida sentaram-se todos para a refeição, o esquilo, o cachorro e suas respectivas esposas.

— Meu amigo, aonde foi quando me deixou sozinho?
— indagou Mbwa.

— Você sabe o quanto eu gosto de bananas, meu caro. Por isso, subi na bananeira para comer algumas.

— Você gosta de bananas até demais. Um dia morrerá por causa delas.

Terminado o jantar, Mbwa anunciou:

— Agora voltarei à minha aldeia. — E assim fez.

Apenas dois dias após seu retorno, o cachorro acidentalmente caiu na lareira e morreu queimado. Ao saber sobre sua morte, o esquilo comentou:

— Eu avisei. Ele gostava demais de fogo.

Certo dia, na Cidade dos Homens, um dos habitantes notou que todos os cachos de sua bananeira haviam sido comidos por algum animal. Então colocou uma armadilha na árvore.

No dia seguinte, Mbala pensou:

“Estou com tanta vontade de comer bananas que vou subir na primeira bananeira que encontrar.”

Chegou até a Cidade dos Homens e, ao subir na bananeira, foi capturado e morto pela armadilha. O Homem o encontrou e ficou satisfeito por ter apanhado o ladrão de frutas.

As notícias da morte do esquilo chegaram até sua aldeia natal. Seus filhos, ao saberem que havia sido morto comendo bananas, disseram:

— Pois é, nosso pai gostava muito de bananas. Sempre dizia que Mbwa morreria queimado, de tanto que gostava de fogo. Ele, no entanto, amava bananas.

“A MORTE COMEÇA COM UMA SÓ PESSOA”: UM PROVÉRBIO

ROBERT HAMILL NASSAU

Personagens

Kâ (caramujo gigante)

Ngâmbi (iguana)

Kudu (jabuti)

Lonâni (pássaros)

Kema (macacos)

Um homem

PREFÁCIO

Todos esses animais, inclusive os inocentes, foram prejudicados pelo barulho causado por poucos deles.

Alguns nativos da África Ocidental acreditavam que iguanas não tinham audição.

O caramujo Kâ, a iguana Ngâmbi e o jabuti Kudu viviam juntos em uma aldeia. Certo dia, o jabuti foi caminhar pela floresta e lá encontrou uma grande árvore chamada Evenga.

“Vou ficar sentado debaixo dessa árvore e esperar que alguns frutos caiam”, pensou.

E lá ficou, sozinho, por dois dias.

No terceiro dia, a iguana disse ao caramujo:

— Vou sair à procura de nosso amigo Kudu.

Encontrou-o em um buraco ao lado do tronco da Evenga.

— Meu amigo, você sumiu há dois dias! — disse Kâ.

— Ficarei aqui. Não voltarei à aldeia — respondeu Kudu.

— Bem, pois então vamos ficar juntos no mesmo lugar.

O jabuti se recusou a dividir o espaço; a iguana então escalou uma parte do tronco e lá ficou, poucos centímetros acima de seu amigo.

Dois dias mais tarde, o caramujo, sentindo-se solitário, decidiu:

— Vou atrás de meus amigos.

Ao encontrar Kudu e Ngâmbi no tronco, exclamou:

— Mas que bela árvore para se sentar!

— Sim, fique aqui conosco — convidaram os outros.

— Ficarei ao seu lado, minha amiga Ngâmbi — sugeriu Kâ.

Mas Ngâmbi não queria ninguém perto dela. O caramujo então subiu em um ramo que pendia da copa da árvore até o chão, e assim os três amigos se acomodaram; o jabuti em um buraco no chão, a iguana agarrada ao tronco, um pouco acima, e o caramujo grudado a um ramo já quase na copa.

Ngâmbi, que era parcialmente surda, permaneceu no mesmo lugar, agarrada às fendas da casca da árvore.

Dali dois dias brotaram frutos em grande quantidade, que logo amadureceram. Pequenos passarinhos foram atraídos por eles e disputavam espaço nos galhos com pequenos macacos. Em seguida vieram pássaros e macacos maiores, todos ocupando a copa da árvore e devorando os frutos. Comiam e brincavam fazendo grande algazarra.

Kudu, temendo que todo aquele barulho pudesse atrair algum predador, chamou a iguana:

— Ngâmbi! Peça para o Kâ falar para esse pessoal aí nos galhos comer em silêncio!

Kudu apenas sussurrou o pedido para sua amiga, pois se gritasse diretamente para o caramujo, faria ainda mais barulho. Reforçou a importância de sua mensagem citando um provérbio: *Iwedo a yalakēndi na moto umbaka* (a morte começa com uma pessoa). Ou seja, deviam ficar atentos, pois a imprudência de alguns colocaria a todos em perigo. No entanto, Ngâmbi não ouviu e nada respondeu.

— Ngâmbi! — o jabuti chamou novamente. — Fale com Kâ! Peça para comerem sem fazer tanto barulho!

Mais uma vez, não houve resposta. Kudu tentou duas outras vezes, sem sucesso.

— Não vou dizer mais nada — resignou-se.

Um homem da cidade de Njambo caçava na floresta, armado com arco e flecha, um facão e uma arma de fogo. Encontrou a árvore Evenga enquanto caminhava. Atraído pelo barulho, olhou para cima e viu os macacos e pássaros nos galhos.

— Quantos animais em uma só árvore! Nunca vi isso! — exclamou para si mesmo.

Atirou uma flecha e com ela derrubou três macacos. Disparou sua arma e matou sete pássaros. Todos os outros

fugiram de medo. O homem então olhou para baixo e viu o jabuti dentro do buraco. Arrancou-o dali e colocou-o em sua bolsa. Ergueu um pouco a cabeça e viu Ngâmbi ao alcance de sua mão.

— Ah! Uma iguana aqui também! — comemorou ele.
E matou-a com seu facão.

Observou os galhos e puxou um dos ramos, derrubando Kâ.

— E mais essa! Um caramujo! — exclamou.

O caçador então tomou seu caminho de volta, levando todas as suas presas. Dentro da bolsa, Kudu lamentava seu destino e dizia para seus amigos mortos:

— Eu avisei. Pedi para alertarem aos outros sobre o perigo de tanto barulho. Se vocês, macacos e pássaros, não tivessem feito tanto alarde na copa da árvore, o homem não teria nos encontrado. Tudo começou com vocês.

O homem chegou à sua cidade com suas presas e as dividiu entre seu povo.

OS GAVIÕES E OS CORVOS

GEORGE W. BATEMAN

Koongoo'roo, sultão dos corvos, enviou certo dia uma carta a Mway'way, sultão dos gaviões, dizendo:

“Quero que seu povo seja meu exército.”

A resposta de Mway'way para essa breve mensagem foi também curta:

“Declinamos sua oferta.”

Para amedrontar o gavião, Koongoo'roo mandou então a seguinte ameaça:

“Caso se recuse, iniciaremos uma guerra.”

A réplica do sultão dos gaviões foi à altura:

“Ótimo. Vamos ao combate. Se você nos vencer, seremos seu exército. Mas se formos vitoriosos, vocês serão nossos escravos.”

Reuniram suas tropas e deram início a uma grande batalha. Em pouco tempo ficou claro que os corvos sofreriam uma derrota incontestável.

Se algo não fosse feito rapidamente, os corvos seriam dizimados. Um deles, chamado Jeeoo'see, sugeriu então que todos voassem para longe.

Dito e feito. Os corvos deixaram suas casas e se estabeleceram em uma cidade longe dali. Quando os gaviões finalmente invadiram sua aldeia, não encontraram ninguém e acabaram fixando residência na Cidade dos Corvos.

Um dia, quando os corvos estavam reunidos em conselho, Koongoo'roo disse:

— Meu povo, sigam minhas ordens e tudo ficará bem. Arranquem algumas de minhas penas e me joguem na cidade dos gaviões. Então voltem para cá e aguardem notícias minhas.

Os corvos obedeceram aos comandos de seu sultão sem questionar.

Pouco tempo após ser deixado na rua, alguns gaviões que passavam por ali viram o sultão e o interpelaram:

— O que faz em nossa cidade?

— Meus compatriotas me espancaram e me expulsaram da cidade — gemeu Koongoo'roo —, porque tentei convencê-los a seguir Mway'way, sultão dos gaviões.

Ao ouvir tal justificativa, pegaram-no e levaram-no até o sultão.

— Encontramos este sujeito jogado na rua. Segundo ele, sua presença involuntária em nossa cidade se deve a

circunstâncias tão insólitas que achamos por bem trazê-lo para que se explique pessoalmente.

Koongoo'roo repetiu sua história, acrescentando que havia sofrido muito por defender sua opinião de que Mway'way era o sultão por direito.

Obviamente sua farsa causou uma ótima impressão, e o sultão dos corvos disse:

— Você tem mais juízo do que todos da sua tribo. Acredito que possa ficar aqui e viver conosco.

Após expressar sua gratidão, Koongoo'roo resignou-se, ou assim fez parecer, a passar o resto de sua vida com os gaviões.

Certo dia seus vizinhos o convidaram para acompanhá-los à igreja. Ao retornarem, perguntaram-lhe:

— Quem tem a melhor religião, os gaviões ou os corvos?

— Ah, os gaviões, sem dúvida! — respondeu com entusiasmo o traiçoeiro corvo.

A resposta agradou muito aos gaviões, e Koongoo'roo passou a ser visto como uma ave de notável discernimento.

Passada quase uma semana, o corvo conseguiu escapulir no meio da noite e voltou à sua cidade. Lá chegando, reuniu seus súditos.

— Amanhã é o grande feriado religioso dos gaviões. Todos irão à igreja de manhã. Vão, recolham lenha, façam

fogo e esperem nos arredores da cidade. Quando eu der o sinal, invadam a igreja rapidamente e queimem tudo.

E então voou de volta à cidade de Mway'way.

Os corvos trabalharam muito durante a noite. Ao amanhecer, tinham já uma grande quantidade de lenha queimando, e estavam prontos para o ataque. Colocaram-se então em alerta, próximos à cidade de seus inimigos.

Quando a manhã chegou, todos os corvos se dirigiram à igreja. Não ficou uma só pessoa em casa, exceto o velhaco Koongoo'roo.

Seus vizinhos foram chamá-lo e encontraram-no deitado.

— Ora essa! — exclamaram, surpresos. — Então não vai à igreja hoje?

— Ah, como eu queria! — gemeu o corvo. — Mas estou com tanta dor de barriga que nem posso me mexer.

— Que pena. É melhor ficar na cama mesmo. — E deixaram-no sozinho.

Assim que todos saíram, Koongoo'roo voou rapidamente para onde estavam seus soldados e deu a ordem:

— Vamos! Estão todos na igreja!

Em pouco tempo, os corvos cercaram silenciosamente o templo. Alguns empilharam lenha junto à porta e outros atearam fogo.

A madeira começou a queimar quase instantaneamente e, antes que os gaviões se dessem conta do perigo, o fogo já ia alto. Quando a fumaça preencheu a igreja e as chamas começaram a invadir as frestas das paredes, os gaviões tentaram escapar pelas janelas. A maior parte morreu sufocada; outros, entre eles Mway'way, não conseguiram voar por conta das queimaduras em suas asas e foram carbonizados. E assim Koongoo'roo e seu exército retomaram a sua cidade.

Desde esse dia os gaviões fogem ao ver os corvos.

UMA VIAGEM EM BUSCA DE SAL

ROBERT HAMILL NASSAU

Personagens

Njâbu (civeta)

Mbâmâ (jiboia)

Ngweya (porco-do-mato)

Kudu (jabuti)

Um homem e outros caçadores

PREFÁCIO

Antigamente, as tribos localizadas nas costas africanas ferviam água do mar em panelas de latão, chamadas de *netunos*. Era assim que obtinham sal, que depois vendiam para as tribos mais distantes.

Esses quatro animais viviam próximos um do outro em uma mesma aldeia.

Certa noite, aproximadamente uma hora após anoitecer, estavam todos sentados na calçada, conversando. O jabuti Kudu anunciou a todos:

— Ouçam! Tenho algo a dizer! Quero lhes fazer um convite. Vamos fazer uma pequena viagem amanhã. Atravessaremos a floresta até chegar à praia, para comprarmos sal.

— Sim, vamos! — todos concordaram.

E pouco tempo depois foram para suas casas dormir.

Um novo dia nasceu.

Prepararam-se para partir logo cedo.

— Tenho outro pedido. Será o último. Durante o trajeto, ninguém deve criar distrações ou inventar coisas que nos atrasem. Devemos ir direto até a praia.

— Tudo bem, estamos de acordo — responderam.

E assim começaram sua viagem através da floresta. Seguiram por um bom tempo, pois o plano era percorrer a maior distância possível até pararem para acampar durante a noite. No entanto, ao longo do caminho a civeta Njâbu começou a se queixar:

— Ah, que dor de barriga! Ah, como meu estômago dói!

— Como assim, dor de barriga? — perguntou Kudu.

— Quero dizer que estou apertado! Preciso fazer minhas necessidades!

— Ora, vá! Procure um arbusto aí pelos lados. Esperamos você.

— Não consigo fazer no mato! — resmungou a civeta.

— Tenho que voltar para a casa da minha mãe!

— Nem pensar! — esbravejou o jabuti. — O que combinamos antes de sair?

— Nada de atrasos ou distrações — disseram os outros.

— E você, Njâbu, vai nos atrasar, e atrasos vão nos trazer problemas — acrescentou Kudu.

Mesmo assim, a civeta correu de volta para a cidade e foi ao banheiro de sua casa, enquanto os três a espera-

vam. Muito tempo depois, já de noite, Njâbu retornou, aliviada.

— Agora me sinto bem melhor — disse.

No dia seguinte, levantaram-se animados.

— Vamos seguir viagem! — E retomaram o caminho.

Caminharam um bom percurso até que a jiboia Mbâmâ exclamou:

— Ah, que dor de barriga! Ah, como meu estômago dói!

— Como assim, dor de barriga? — perguntou Kudu.

— Quero dizer que estou com fome!

— Não tem problema. Trouxemos comida para a viagem. Venham todos, vamos almoçar — sugeriu o jabuti.

— Não gosto dessa comida. Vou procurar outro tipo.

— Que outro tipo?

— Vou entrar um pouco na floresta, volto logo — avisou a jiboia.

Ao entrar na mata ela avistou um antílope vermelho. Mbâmâ então enrolou seu corpo, da maneira que as jiboias fazem quando estão à espreita. O antílope passou saltando e a cobra deu o bote, matando-o. Cobriu-o todo com sua saliva, pois é assim que as jiboias conseguem engolir presas tão grandes. Em seguida arrastou-o até o local onde estavam acampados e preparou-se para devorá-lo.

— Vamos comer todos juntos então — sugeriu Kudu.

— Se na cidade não dividimos nossa comida, não é aqui que vamos fazer isso — a jiboia respondeu, antes de engolir o antílope inteiro.

Mbâmâ então chamou seus companheiros e disse:

— Pronto, agora estou satisfeita.

— Certo, então vamos seguir viagem — disse o jabuti.

— Não! Só consigo continuar depois de digerir tudo.

— Mas ora essa! — exclamou Kudu. — Eu falei na cidade, sem distrações! Njâbu já nos causou atrasos, agora você!

Sem ter o que fazer, todos se sentaram para esperar a jiboia. Aguardaram um mês para que ela fizesse sua digestão.

— Agora podemos partir — disse ela —, mas antes vou ao rio beber água.

E bebeu uma grande quantidade, que a fez expelir os ossos do antílope.

— Estou bem melhor agora. Podemos ir.

Caminharam por muito tempo até encontrarem uma árvore caída, cujo tronco atravessava a estrada e as folhas ainda estavam verdes. O porco-do-mato e a civeta saltaram sobre ela e a jiboia esgueirou-se por baixo. Chamaram o jabuti, que tentava em vão escalar o tronco para chegar ao outro lado.

— Venha! Salte!

— Não consigo! Vocês sabem que minhas pernas são curtas! — disse Kudu, envergonhado. — Só conseguirei atravessar quando este tronco apodrecer e se partir.

— Esta árvore caiu há pouco tempo! Sabe-se lá quantos dias vai demorar para o tronco apodrecer.

— A culpa não é minha! Se vocês não tivessem nos atrasado, Njâbu e Mbâmâ, já teríamos passado por aqui bem antes da árvore cair. Você inventou uma distração, Njâbu, e depois você, Mbâmâ. Agora tratem de me esperar!

Assim fizeram.

Durante essa pausa, os outros três costumavam sair de manhã cedo para uma plantação próxima, onde havia milho, inhame, banana e outros vegetais. A civeta e o porco-do-mato comeram todo o milho e bananas que havia.

Um dia um homem de outra aldeia perambulava pela floresta. Caminhava olhando para todos os lados, à procura de caça, quando encontrou o rastro de animais. Examinou atentamente e exclamou:

— Estas pegadas parecem ser de jabuti! Sim, e aqui há rastros de um porco-do-mato. Ah, e uma civeta também passou por aqui. E também há uma trilha de jiboia! Há muitos animais nesta área. Vou voltar à cidade e chamar outras pessoas para me ajudarem a caçá-los.

Correu de volta para sua cidade e começou a gritar:

— Venham, homens! Vamos à floresta! Encontrei vários animais!

Um dos que atendeu a seu chamado foi o dono da plantação. Outros se juntaram ao grupo, levando armas, facões, lanças e redes, além de cães com guizos na coleira. Partiram sem demora.

Ao se aproximarem dos animais, os cachorros começaram a latir e seus guizos balançaram enquanto corriam. Os homens gritavam para fazer os animais caírem nas redes. O primeiro a ser capturado foi o porco-do-mato, morto com um tiro. Em seguida apanharam a civeta e a atravessaram com uma lança. Encontraram a jiboia dormindo ao lado do tronco e também a mataram. Por fim descobriram o jabuti, que tentava se esconder debaixo das folhas que haviam caído da árvore. Acabou capturado. Foi o único a ser mantido vivo, após ser amarrado.

A caçada havia começado no final da tarde, quando os homens chegaram à cidade, já anoitecia.

— Vamos guardar as caças em uma casa — propôs um deles —, mas deixe o jabuti pendurado em uma viga do teto.

— Amanhã comeremos — disse outro. — Já está tarde para preparar e cozinhar, vamos dormir.

Perto da meia-noite, após muito esforço, Kudu conseguiu enfim se libertar das cordas. Foi até o canto da sala onde os cadáveres de seus amigos estavam e disse para a civeta:

— Não avisei que não deveríamos inventar desvios em nosso caminho? Agora você está morta.

E virando-se para a jiboia:

— Você também, Mbâmâ. Disse para não nos atrasar. Mataram você também. Se não inventassem tantos assuntos, teríamos feito nossa viagem sem nenhum perigo.

Então escavou um buraco na parede da casa e escapou para a floresta.

Logo amanheceu e os habitantes da cidade disseram uns para os outros:

— Tragam os animais para fora. Vamos cortá-los e prepará-los.

E assim foi feito com os três capturados.

— Traga também o jabuti que está amarrado — pediram a um rapaz.

O jovem logo saiu da casa dizendo:

— Não encontrei nenhum jabuti.

Todos entraram para procurá-lo e, ao verem que não estava lá, disseram:

— Vamos comer o que caçamos. Deixe o jabuti para lá, pois conseguiu fugir.

O CACHORRO E A LÍNGUA DOS HOMENS

ROBERT HAMILL NASSAU

Personagens

Mbwa (cachorro) e sua mãe

Um homem chamado Njambo e sua filha Eyâle

PREFÁCIO

Este conto se passa em tempos pré-históricos, quando todos os animais, inclusive os de organismos inferiores, podiam se unir a homens, até mesmo em casamento. Mbwa era o animal, tanto em forma como em linguagem, hoje chamado de cachorro, mas que também tinha a capacidade de comunicar-se como um humano. Esta é a história de como esse ancestral dos cães deixou a nação dos animais. Embora cachorros vivam junto aos seres humanos hoje em dia, não têm mais a capacidade que seus ancestrais possuíam, de falar como gente. Só o que conseguem dizer é “Au-au!”.

O cachorro Mbwa e sua mãe eram os únicos habitantes de sua aldeia. Mbwa era capaz de falar tanto com animais como com humanos.

— Você já é adulto e forte — disse um dia sua mãe. — Está na hora de se casar. Vá e peça Eyále, filha de Njambo, em casamento.

— Irei amanhã — respondeu o cachorro.

O dia escureceu e foram dormir. Logo a madrugada veio e um novo dia começava a despontar.

— Chegou a hora de eu partir — disse Mbwa.

Amanhecia quando ele começou sua jornada. Percorreu cerca de treze quilômetros e chegou ao seu destino antes do meio-dia.

Foi à casa de Njambo, pai de Eyâle. Lá, foi cumprimentado pelo anfitrião e sua esposa.

— Olá, Mbwa!

— Olá!

— Qual a razão de sua visita, meu amigo? — perguntou Njambo.

— Vim para me casar com sua filha Eyâle — respondeu o cão em linguagem humana.

Njambo consentiu e a mãe da garota também ficou satisfeita com a união. Chamaram a pretendida para saber o que ela pensava da proposta.

— Aceito! De todo o meu coração! — disse.

A jovem era bela tanto de rosto como de corpo. E todos estavam de acordo quanto ao casamento.

Ao cair da noite reuniram-se para jantar. Sem saber o motivo, o cachorro não conseguiu comer.

O dia escureceu e foram dormir. Mbwa costumava acordar sempre uma hora antes do amanhecer, mas naquele dia dormiu até mais tarde.

A mãe da noiva disse à sua filha:

— Prepare um pouco de água para que seu noivo lave o rosto quando acordar. Vou à plantação que fica na floresta buscar comida para ele, já que ainda não comeu nada desde que chegou.

E acrescentou:

— Peça aos criados que matem uma galinha para o almoço. E você, triture sementes de cabaça e faça um pudim de sobremesa.

Entregou o prato com as sementes para Eyâle e saiu para a floresta. Njambo a acompanhou, pois também tinha seus afazeres. A jovem sentou-se com as sementes e começou a descascá-las. Jogava os miolos limpos no chão e colocava as cascas em um prato.

Mbwa acordou pouco tempo depois de os donos da casa terem saído. Levantou-se e foi procurar sua noiva. Ficou ao lado dela, observando-a descascar as sementes. Em silêncio, notou que ela descartava o miolo, que era a parte boa, e guardava as cascas em um prato.

— Não é assim que se faz, mulher! — disse em linguagem humana. — Por que joga a parte boa no chão e guarda essas cascas inúteis?

Enquanto o cachorro falava, Eyâle subitamente caiu no chão. Estava morta. Mbwa curvou-se para tentar levantá-la, mas foi inútil. Já não havia o que fazer.

Pouco depois o pai e mãe da jovem retornaram de suas tarefas. Encontraram a filha morta e gritaram:

— Mbwa! O que aconteceu?

— Não sei dizer — respondeu em linguagem canina.

— Diga-nos o que houve! — insistiram os pais.

Mbwa então lhes falou na língua dos humanos:

— Você, mulher, foi à floresta enquanto eu dormia. E você, homem, também saiu, acompanhando sua esposa, antes que eu acordasse. Quando me levantei, encontrei minha noiva descascando sementes. Ela jogava os miolos limpos ao chão e guardava as cascas. Eu disse a ela que o que comemos são os grãos que ela estava descartando, e não as cascas.

Enquanto ele deva essa explicação, os dois também caíram ao chão, mortos sem motivo aparente.

Quando as pessoas da cidade souberam do caso, disseram:

— O cachorro tem uma poção maligna para matar pessoas. Deve ser capturado e morto!

Mbwa rapidamente fugiu pela floresta e voltou para a aldeia onde vivia com sua mãe. Seu corpo estava cheio de cortes e arranhões causados pelos arbustos espinhosos que atravessara em sua fuga.

— Mbwa! O que aconteceu? Por que está assim tão esbaforido? E todo machucado! — exclamou sua mãe ao vê-lo.

— Não! Não vou contar! Não direi mais nada!

— Por favor, meu filho! Conte-me! — implorou sua mãe.

Finalmente Mbwa concordou e, usando a linguagem dos humanos, começou a explicar:

— Contarei o que houve, minha mãe. Njambo e sua esposa me aceitaram como genro, e Eyâle também gostou muito de mim. Enquanto eu dormia, o casal foi à floresta. Quando acordei, encontrei minha noiva descascando sementes de cabaça, só que ela jogava os grãos no chão e guardava as cascas. Então disse a ela que estava desperdiçando a parte boa da semente. E ela morreu de repente.

Enquanto falava com sua mãe, ela também caiu morta ao chão. As notícias de seu falecimento chegaram até a cidade do tio de Mbwa, e muitas pessoas vieram para o funeral.

— Mbwa! O que aconteceu? — perguntou seu tio.

O cachorro não respondeu. Apenas disse:

— Não!

Imploraram por uma explicação.

— Por favor, conte-nos o que houve.

— Não! Não falarei mais nada — respondeu Mbwa.

Como insistiram muito, Mbwa concordou em falar com dois deles. Pediu que o restante ficasse onde estavam e

observassem a conversa de longe. Então falou com os dois usando o mesmo idioma que usara com sua mãe. E da mesma forma, ambos caíram fulminados.

— Não! — exclamou Mbwa. — As pessoas morrem quando eu falo em linguagem humana!

— Sim, Mbwa — concordaram os outros. — O idioma dos homens mata as pessoas. Não fale mais.

E Mbwa partiu para viver junto dos homens.

O REI E A ÁRVORE JU JU

ELPHINSTONE DAYRELL

Udo Ubok Udom foi um rei famoso que viveu em Itam, uma ilha onde não havia rios. Ele e sua esposa banhavam-se em uma nascente que havia logo atrás de sua casa.

O rei tinha uma filha a quem amava muito e cobria de cuidados. Quando cresceu, a princesa tornou-se uma linda mulher.

Udo Ubok Udom teve de se ausentar por uns tempos e por dois anos não usou sua fonte. Quando voltou e foi se banhar, viu que uma árvore Ju Ju havia crescido e espalhado seus galhos por todo o lugar, impossibilitando o acesso à nascente. Então ordenou que cinquenta homens cortassem a árvore com machados. Quando os criados começaram, viram que os golpes de machado não produziam efeito algum, pois tão logo abriam um corte no tronco, ele voltava a se fechar. Tentaram inutilmente durante um dia inteiro.

À noite foram comunicar ao rei seu fracasso em derrubar a árvore. Udo Ubok Udom ficou muito zangado e voltou à fonte na manhã seguinte com seu próprio facão.

Ao ver o rei tentando cortar seus galhos com a lâmina, a árvore Ju Ju lançou uma farpa em seu olho. Sentindo imensa dor, o monarca largou sua faca e correu de volta para casa. Como a dor só piorava, não conseguiu comer nem dormir por três dias.

Mandou chamar seus feiticeiros e pediu que descobrissem o motivo de tanta dor. Quando seus feitiços foram lançados, entenderam que a árvore Ju Ju o havia atacado em retaliação às suas tentativas de banhar-se na fonte e de cortá-la.

Acrescentaram que, para satisfazer e acalmar a Ju Ju, o rei deveria tomar sete cestos de moscas, uma cabra branca, uma galinha branca e um tecido branco e oferecê-los à árvore em sacrifício.

Udo Ubok Udom seguiu essas instruções. Os curandeiros aplicaram pomadas nos olhos do rei, mas a dor só piorava.

Os feiticeiros foram dispensados e outros foram chamados. Estes disseram que, embora nada pudessem fazer para aliviar o sofrimento do rei, conheciam alguém capaz de curá-lo. Era um homem-espírito que vivia no além-mundo, Udo Ubok Udom mandou que o trouxessem até ele. No dia seguinte, o homem-espírito chegou para falar com o rei.

— Se eu curar seu olho, o que ganho em troca? — perguntou o homem-espírito.

— Darei metade da minha cidade, incluindo as pessoas que vivem nessa área, além de sete vacas e dinheiro.

O homem-espírito recusou a proposta. O rei, não aguentando mais tanta dor, aumentou a oferta.

— Diga seu preço e eu pagarei.

O homem-espírito disse que o único pagamento que lhe interessava era a princesa. Udo Ubok Udom começou a chorar e mandou-o embora. Preferia morrer a perder sua filha.

Durante a noite a dor piorou ainda mais, alguns súditos suplicaram ao rei para que chamasse o espírito novamente e lhe entregasse a princesa. Se Udo Ubok Udom melhorasse, poderia fazer outra filha, argumentaram, mas nada ganharia se morresse.

O rei então mandou chamar novamente o homem-espírito, que atendeu rapidamente ao chamado. Com grande pesar, o rei lhe concedeu sua filha.

O espírito entrou na mata e colheu algumas folhas, que triturou e misturou com água. Verteu o líquido no olho do rei, dizendo que pela manhã, quando lavasse o rosto, seus olhos estariam completamente curados.

Udo Ubok Udom tentou convencê-lo a passar a noite, mas o homem-espírito declinou o convite e partiu na mesma noite para o além-mundo, levando a princesa consigo.

Um pouco antes do amanhecer, o rei levantou-se e foi lavar o rosto. Viu que a farpa da árvore Ju Ju, que tanta agonia lhe causara, havia caído de seu olho. Não sentia mais nenhuma dor e enxergava perfeitamente.

Recomposto, deu-se conta de trocara a filha por um olho sadio. Decretou que o reino todo ficasse de luto por três anos.

Durante os dois anos seguintes, o homem-espírito colocou a princesa em uma casa de engorda¹, onde recebia grande quantidade de comida. Nessa casa havia uma caveira que a aconselhou a não comer, pois a estavam engordando não para o casamento, mas porque queriam devorá-la. A partir daí, a jovem passou a dar à caveira toda comida que recebia, e alimentava-se apenas do calcário do solo.

Ao final do terceiro ano, o homem-espírito convidou alguns amigos para verem a princesa, dizendo que a mataria no dia seguinte e faria um banquete com ela.

Na manhã seguinte, o homem-espírito foi levar comida para a princesa, como de costume. A caveira, no entanto, havia ouvido a conversa da noite passada e contou à princesa

1 Casa de engorda era uma cabana onde a noiva ficava por algumas semanas antes de seu casamento. Durante esse período, comia muito para engordar o máximo que pudesse, já que esse era o padrão de beleza para muitos povos africanos.

sobre o que a aguardava. A jovem deu novamente a comida à sua amiga, que disse:

— Quando o homem-espírito for à floresta com seus amigos para os preparativos do banquete, fuja e volte para sua cidade.

A caveira também deu a ela uma poção fortificante para a viagem. Além disso, explicou as particularidades do caminho. Quando chegasse a uma bifurcação, a princesa deveria jogar um pouco da poção no chão e as duas trilhas se fundiriam em uma só.

Explicou que deveria sair pela porta dos fundos e atravessar toda a floresta para chegar à estrada. Caso encontrasse alguém no caminho, deveria permanecer em silêncio. Se cumprimentasse usando sua voz, saberiam que não fazia parte do mundo espiritual e a matariam. Tampouco deveria se virar caso alguém a chamasse. Deveria seguir sem parar até chegar à casa de seu pai.

A filha do rei agradeceu à caveira por todos os conselhos e partiu. Encontrou a estrada após cruzar toda a floresta. Correu por ela durante três horas, até chegar à bifurcação. Como instruída, pingou algumas gotas da poção no chão e imediatamente as trilhas se juntaram em uma. Corria sem parar e, embora fosse chamada por várias criaturas, não se virava nem cumprimentava ninguém.

Foi quando o homem-espírito retornou da mata e descobriu a fuga da princesa. Perguntou à caveira sobre seu paradeiro, mas esta lhe respondeu apenas que a jovem havia saído pela porta dos fundos, sem dizer aonde ia. Por ser um homem-espírito, ele logo soube que sua prisioneira partira para sua cidade natal. Correu atrás dela, aos gritos.

Quando a garota ouviu a voz do espírito, também correu o mais rápido que pôde e finalmente chegou à sua casa. Pediu a seu pai que pegasse uma vaca, um porco, uma ovelha, uma cabra, um cachorro, uma galinha e sete ovos. Tudo isso deveria ser cortado em sete pedaços e posto como oferenda na beira da estrada, para que o espírito, ao encontrar tais sacrifícios, desistisse de entrar na cidade. O rei cumpriu seu pedido imediatamente.

Quando o homem-espírito encontrou as oferendas, sentou-se e começou a comer.

Satisfeito, recolheu os restos e voltou para o mundo espiritual. Nunca mais voltou a incomodar a princesa.

Ao ver que não havia mais perigo, o rei bateu seu tambor e declarou que a partir dali, quando alguém morresse e fosse para o mundo espiritual, não poderia mais voltar à terra para curar pessoas.





African Folk Tales

Volume 2

Elphinstone Dayrell
George W. Bateman
Robert Hamill Nassau

HAAMDAA'NEE

GEORGE W. BATEMAN

Once there was a very poor man, named Haamdaa'nee, who begged from door to door for his living, sometimes taking things before they were offered him. After a while people became suspicious of him, and stopped giving him anything, in order to keep him away from their houses. So at last he was reduced to the necessity of going every morning to the village dust heap, and picking up and eating the few grains of the tiny little millet seed that he might find there.

One day, as he was scratching and turning over the heap, he found a dime, which he tied up in a corner of his ragged dress, and continued to hunt for millet grains, but could not find one.

“Oh, well,” said he, “I’ve got a dime now; I’m pretty well fixed. I’ll go home and take a nap instead of a meal.”

So he went to his hut, took a drink of water, put some tobacco in his mouth, and went to sleep.

The next morning, as he scratched in the dust heap, he saw a countryman going along, carrying a basket made of twigs, and he called to him: "Hi, there, countryman! What have you in that cage?"

The countryman, whose name was Moohaad'eem, replied, "Gazelles."

And Haamdaanee called: "Bring them here. Let me see them."

Now there were three well-to-do men standing near; and when they saw the countryman coming to Haamdaanee they smiled, and said, "You're taking lots of trouble for nothing, Moohaadeem."

"How's that, gentlemen?" he inquired.

"Why," said they, "that poor fellow has nothing at all. Not a cent."

"Oh, I don't know that," said the countryman; "he may have plenty, for all I know."

"Not he," said they.

"Don't you see for yourself," continued one of them, "that he is on the dust heap? Every day he scratches there like a hen, trying to get enough grains of millet to keep himself alive. If he had any money, wouldn't he buy a square meal, for once in his life? Do you think he would want to buy a gazelle? What would he do with it? He

can't find enough food for himself, without looking for any for a gazelle."

But Moohaadeem said: "Gentlemen, I have brought some goods here to sell. I answer all who call me, and if any one says 'Come,' I go to him. I don't favor one and slight another; therefore, as this man called me, I'm going to him."

"All right," said the first man; "you don't believe us. Well, we know where he lives, and all about him, and we know that he can't buy anything."

"That's so," said the second man. "Perhaps, however, you will see that we were right, after you have a talk with him."

To which the third man added, "Clouds are a sign of rain, but we have seen no signs of his being about to spend any money."

"All right, gentlemen," said Moohaadeem; "many better-looking people than he call me, and when I show them my gazelles they say, 'Oh, yes, they're very beautiful, but awfully dear; take them away.' So I shall not be disappointed if this man says the same thing. I shall go to him, anyhow."

Then one of the three men said, "Let us go with this man, and see what the beggar will buy."

"Pshaw!" said another; "buy! You talk foolishly. He has not had a good meal in three years, to my knowledge; and a man in his condition doesn't have money to buy gazelles."

However, let's go; and if he makes this poor countryman carry his load over there just for the fun of looking at the gazelles, let each of us give him a good hard whack with our walking-sticks, to teach him how to behave toward honest merchants."

So, when they came near him, one of those three men said: "Well, here are the gazelles; now buy one. Here they are, you old hypocrite; you'll feast your eyes on them, but you can't buy them."

But Haamdaanee, paying no attention to the men, said to Moohaadeem, "How much for one of your gazelles?"

Then another of those men broke in: "You're very innocent, aren't you? You know, as well as I do, that gazelles are sold every day at two for a quarter."

Still taking no notice of these outsiders, Haamdaanee continued, "I'd like to buy one for a dime."

"One for a dime!" laughed the men; "of course you'd like to buy one for a dime. Perhaps you'd also like to have the dime to buy with."

Then one of them gave him a push on the cheek.

At this Haamdaanee turned and said: "Why do you push me on the cheek, when I've done nothing to you? I do not know you. I call this man, to transact some business with him, and you, who are strangers, step in to spoil our trade."

He then untied the knot in the corner of his ragged coat, produced the dime, and, handing it to Moohaadeem, said, "Please, good man, let me have a gazelle for that."

At this, the countryman took a small gazelle out of the cage and handed it to him, saying, "Here, master, take this one. I call it Keejee'paa." Then turning to those three men, he laughed, and said: "Ehe! How's this? You, with your white robes, and turbans, and swords, and daggers, and sandals on your feet—you gentlemen of property, and no mistake—you told me this man was too poor to buy anything; yet he has bought a gazelle for a dime, while you fine fellows, I think, haven't enough money among you to buy half a gazelle, if they were five cents each."

Then Moohaadeem and the three men went their several ways.

As for Haamdaanee, he stayed at the dust heap until he found a few grains of millet for himself and a few for Keejeepaa, the gazelle, and then went to his hut, spread his sleeping mat, and he and the gazelle slept together.

This going to the dust heap for a few grains of millet and then going home to bed continued for about a week.

Then one night Haamdaanee was awakened by some one calling, "Master!" Sitting up, he answered: "Here I am. Who calls?" The gazelle answered, "I do!"

Upon this, the beggar man became so scared that he did not know whether he should faint or get up and run away.

Seeing him so overcome, Keejeepaa asked, "Why, master, what's the matter?"

"Oh, gracious!" he gasped; "what a wonder I see!"

"A wonder?" said the gazelle, looking all around; "why, what is this wonder, that makes you act as if you were all broken up?"

"Why, it's so wonderful, I can hardly believe I'm awake!" said his master. "Who in the world ever before knew of a gazelle that could speak?"

"Oho!" laughed Keejeepaa; "is that all? There are many more wonderful things than that. But now, listen, while I tell you why I called you."

"Certainly; I'll listen to every word," said the man. "I can't help listening!"

"Well, you see, it's just this way," said Keejeepaa; "I've allowed you to become my master, and I can not run away from you; so I want you to make an agreement with me, and I will make you a promise, and keep it."

"Say on," said his master.

"Now," continued the gazelle, "one doesn't have to be acquainted with you long, in order to discover that you are very poor. This scratching a few grains of millet from

the dust heap every day, and managing to subsist upon them, is all very well for you—you're used to it, because it's a matter of necessity with you; but if I keep it up much longer, you won't have any gazelle—Keejeepaa will die of starvation. Therefore, I want to go away every day and feed on my own kind of food; and I promise you I will return every evening."

"Well, I guess I'll have to give my consent," said the man, in no very cheerful tone.

As it was now dawn, Keejeepaa jumped up and ran out of the door, Haamdaanee following him. The gazelle ran very fast, and his master stood watching him until he disappeared. Then tears started in the man's eyes, and, raising his hands, he cried, "Oh, my mother!" Then he cried, "Oh, my father!" Then he cried, "Oh, my gazelle! It has run away!"

Some of his neighbors, who heard him carrying on in this manner, took the opportunity to inform him that he was a fool, an idiot, and a dissipated fellow.

Said one of them: "You hung around that dust heap, goodness knows how long, scratching like a hen, till fortune gave you a dime. You hadn't sense enough to go and buy some decent food; you had to buy a gazelle. Now you've let the creature run away. What are you crying about? You brought all your trouble on yourself."

All this, of course, was very comforting to Haamdaanee, who slunk off to the dust heap, got a few grains of millet, and came back to his hut, which now seemed meaner and more desolate than ever.

At sunset, however, Keejeepaa came trotting in; and the beggar was happy again, and said, "Ah, my friend, you have returned to me."

"Of course," said the gazelle; "didn't I promise you? You see, I feel that when you bought me you gave all the money you had in the world, even though it was only a dime. Why, then, should I grieve you? I couldn't do it. If I go and get myself some food, I'll always come back evenings."

When the neighbors saw the gazelle come home every evening and run off every morning, they were greatly surprised, and began to suspect that Haamdaanee was a wizard.

Well, this coming and going continued for five days, the gazelle telling its master each night what fine places it had been to, and what lots of food it had eaten.

On the sixth day it was feeding among some thorn bushes in a thick wood, when, scratching away some bitter grass at the foot of a big tree, it saw an immense diamond of intense brightness.

"Oho!" said Keejeepaa, in great astonishment; "here's property, and no mistake! This is worth a kingdom! If I take

it to my master he will be killed; for, being a poor man, if they say to him, 'Where did you get it?' and he answers, 'I picked it up,' they will not believe him; if he says, 'It was given to me,' they will not believe him either. It will not do for me to get my master into difficulties. I know what I'll do. I'll seek some powerful person; he will use it properly."

So Keejeepaa started off through the forest, holding the diamond in his mouth, and ran, and ran, but saw no town that day; so he slept in the forest, and arose at dawn and pursued his way. And the second day passed like the first.

On the third day the gazelle had traveled from dawn until between eight and nine o'clock, when he began to see scattered houses, getting larger in size, and knew he was approaching a town. In due time he found himself in the main street of a large city, leading direct to the sultan's palace, and began to run as fast as he could. People passing along stopped to look at the strange sight of a gazelle running swiftly along the main street with something wrapped in green leaves between its teeth.

The sultan was sitting at the door of his palace, when Keejeepaa, stopping a little way off, dropped the diamond from its mouth, and, lying down beside it, panting, [112] called out: "Ho, there! Ho, there!" which is a cry every one makes in that part of the world when wishing to enter a house, remaining outside until the cry is answered.

After the cry had been repeated several times, the sultan said to his attendants, "Who is doing all that calling?"

And one answered, "Master, it's a gazelle that's calling, 'Ho, there!'"

"Ho-ho!" said the sultan; "Ho-ho! Invite the gazelle to come near."

Then three attendants ran to Keejeepaa and said: "Come, get up. The sultan commands you to come near."

So the gazelle arose, picked up the diamond, and, approaching the sultan, laid the jewel at his feet, saying, "Master, good afternoon!" To which the sultan replied: "May God make it good! Come near."

The sultan ordered his attendants to bring a carpet and a large cushion, and desired the gazelle to rest upon them. When it protested that it was comfortable as it was, he insisted, and Keejeepaa had to allow himself to be made a very honored guest. Then they brought milk and rice, and the sultan would hear nothing until the gazelle had fed and rested.

At last, when everything had been disposed of, the sultan said, "Well, now, my friend, tell me what news you bring."

And Keejeepaa said: "Master, I don't exactly know how you will like the news I bring. The fact is, I'm sent here to

insult you! I've come to try and pick a quarrel with you! In fact, I'm here to propose a family alliance with you!"

At this the sultan exclaimed: "Oh, come! for a gazelle, you certainly know how to talk! Now, the fact of it is, I'm looking for some one to insult me. I'm just aching to have some one pick a quarrel with me. I'm impatient for a family alliance. Go on with your message."

Then Keejeepaa said, "You don't bear any ill will against me, who am only a messenger?"

And the sultan said, "None at all."

"Well," said Keejeepaa, "look at this pledge I bring;" dropping the diamond wrapped in leaves into the sultan's lap.

When the sultan opened the leaves and saw the great, sparkling jewel, he was overcome with astonishment. At last he said, "Well?"

"I have brought this pledge," said the gazelle, "from my master, Sultan Daaraa'ee. He has heard that you have a daughter, so he sent you this jewel, hoping you will forgive him for not sending something more worthy of your acceptance than this trifle."

"Goodness!" said the sultan to himself; "he calls this a trifle!" Then to the gazelle: "Oh, that's all right; that's all right. I'm satisfied. The Sultan Daaraaee has my consent to marry my daughter, [115]and I don't want a single thing

from him. Let him come empty-handed. If he has more of these trifles, let him leave them at home. This is my message, and I hope you will make it perfectly clear to your master.”

Dropping the diamond wrapped in leaves into the sultan’s lap.

Dropping the diamond wrapped in leaves into the sultan’s lap.

The gazelle assured him that he would explain everything satisfactorily, adding: “And now, master, I take my leave. I go straight to our own town, and hope that in about eleven days we shall return to be your guests.” So, with mutual compliments, they parted.

In the meantime, Haamdaanee was having an exceedingly tough time. Keejeepaa having disappeared, he wandered about the town moaning, “Oh, my poor gazelle! my poor gazelle!” while the neighbors laughed and jeered at him, until, between them and his loss, he was nearly out of his mind.

But one evening, when he had gone to bed, Keejeepaa walked in. Up he jumped, and began to embrace the gazelle, and weep over it, and carry on at a great rate.

When he thought there had been about enough of this kind of thing, the gazelle said: “Come, come; keep quiet, my master. I’ve brought you good news.” But the beggar man

continued to cry and fondle, and declare that he had thought his gazelle was dead.

At last Keejeepaa said: "Oh, well, master, you see I'm all right. You must brace up, and prepare to hear my news, and do as I advise you."

"Go on; go on," replied his master; "explain what you will, I'll do whatever you require me to do. If you were to say, 'Lie down on your back, that I may roll you over the side of the hill,' I would lie down."

"Well," said the gazelle, "there is not much to explain just now, but I'll tell you this: I've seen many kinds of food, food that is desirable and food that is objectionable, but this food I'm about to offer you is very sweet indeed."

"What?" said Haamdaanee. "Is it possible that in this world there is anything that is positively good? There must be good and bad in everything. Food that is both sweet and bitter is good food, but if food were nothing but sweetness would it not be injurious?"

"H'm!" yawned the gazelle; "I'm too tired to talk philosophy. Let's go to sleep now, and when I call you in the morning, all you have to do is to get up and follow me."

So at dawn they set forth, the gazelle leading the way, and for five days they journeyed through the forest.

On the fifth day they came to a stream, and Keejeepaa said to his master, "Lie down here." When he had done so,

the gazelle set to and beat him so soundly that he cried out: "Oh, let up, I beg of you!"

"Now," said the gazelle, "I'm going away, and when I return I expect to find you right here; so don't you leave this spot on any account." Then he ran away, and about ten o'clock that morning he arrived at the house of the sultan.

Now, ever since the day Keejeepaa left the town, soldiers had been placed along the road to watch for and announce the approach of Sultan Daaraaee; so one of them, when he saw the gazelle in the distance, rushed up and cried to the sultan, "Sultan Daaraaee is coming! I've seen the gazelle running as fast as it can in this direction."

The sultan and his attendants immediately set out to meet his guests; but when they had gone a little way beyond the town they met the gazelle coming along alone, who, on reaching the sultan, said, "Good day, my master." The sultan replied in kind, and asked the news, but Keejeepaa said: "Ah, do not ask me. I can scarcely walk, and my news is bad!"

"Why, how is that?" asked the sultan.

"Oh, dear!" sighed the gazelle; "such misfortune and misery! You see, Sultan Daaraaee and I started alone to come here, and we got along all right until we came to the thick part of the forest yonder, when we were met by robbers, who seized my master, bound him, beat him, and took everything

he had, even stripping off every stitch of his clothing. Oh, dear! oh, dear!”

“Dear me!” said the sultan; “we must attend to this at once.” So, hurrying back with his attendants to his house, he called a groom, to whom he said, “Saddle the best horse in my stable, and put on him my finest harness.” Then he directed a woman servant to open the big inlaid chest and bring him a bag of clothes. When she brought it he picked out a loin-cloth, and a long white robe, and a black overjacket, and a shawl for the waist, and a turban cloth, all of the very finest. Then he sent for a curved sword with a gold hilt, and a curved dagger with gold filigree, and a pair of elegant sandals, and a fine walking-cane.

Then the sultan said to Keejeepaa, “Take some of my soldiers, and let them convey these things to Sultan Daaraaee, that he may dress himself and come to me.”

But the gazelle answered: “Ah, my master, can I take these soldiers with me and put Sultan Daaraaee to shame? There he lies, beaten and robbed, and I would not have any one see him. I can take everything by myself.”

“Why,” exclaimed the sultan, “here is a horse, and there are clothes and arms. I don’t see how a little gazelle can manage all those things.”

But the gazelle had them fasten everything on the horse’s back, and tie the end of the bridle around his own

neck, and then he set off alone, amidst the wonder and admiration of the people of that city, high and low.

When he arrived at the place where he had left the beggar-man, he found him lying waiting for him, and overjoyed at his return.

“Now,” said he, “I have brought you the sweet food I promised. Come, get up and bathe yourself.”

With the hesitation of a person long unaccustomed to such a thing, the man stepped into the stream and began to wet himself a little.

“Oh,” said the gazelle, impatiently, “a little water like that won’t do you much good; get out into the deep pool.”

“Dear me!” said the man, timidly; “there is so much water there; and where there is much water there are sure to be horrible animals.”

“Animals! What kind of animals?”

“Well, crocodiles, water lizards, snakes, and, at any rate, frogs; and they bite people, and I’m terribly afraid of all of them.”

“Oh, well,” said Keejeepaa, “do the best you can in the stream; but rub yourself well with earth, and, for goodness’ sake, scrub your teeth well with sand; they are awfully dirty.”

So the man obeyed, and soon made quite a change in his appearance.

Then the gazelle said: "Here, hurry up and put on these things. The sun has gone down, and we ought to have started before this."

So the man dressed himself in the fine clothes the sultan had sent, and then he mounted the horse, and they started; the gazelle trotting on ahead.

When they had gone some distance, the gazelle stopped, and said, "See here: nobody who sees you now would suspect that you are the man who scratched in the dust heap yesterday. Even if we were to go back to our town the neighbors would not recognize you, if it were only for the fact that your face is clean and your teeth are white. Your appearance is all right, but I have a caution [124] to give you. Over there, where we are going, I have procured for you the sultan's daughter for a wife, with all the usual wedding gifts. Now, you must keep quiet. Say nothing except, 'How d'ye do?' and 'What's the news?' Let me do the talking."

"All right," said the man; "that suits me exactly."

"Do you know what your name is?"

"Of course I do."

"Indeed? Well, what is it?"

"Why, my name is Haamdaanee."

"Not much," laughed Keejeepaa; "your name is Sultan Daaraaee."

“Oh, is it?” said his master. “That’s good.”

So they started forward again, and in a little while they saw soldiers running in every direction, and fourteen of these joined them to escort them. Then they saw ahead of them the sultan, and the vizirs, and the emirs, and the judges, and [125]the great men of the city, coming to meet them.

“Now, then,” said Keejeepaa, “get off your horse and salute your father-in-law. That’s him in the middle, wearing the sky-blue jacket.”

“All right,” said the man, jumping off his horse, which was then led by a soldier.

So the two met, and the sultans shook hands, and kissed each other, and walked up to the palace together.

Then they had a great feast, and made merry and talked until night, at which time Sultan Daaraaee and the gazelle were put into an inner room, with three soldiers at the door to guard and attend upon them.

When the morning came, Keejeepaa went to the sultan and said: “Master, we wish to attend to the business which brought us here. We want to marry your daughter, and the sooner the ceremony takes place, the better it will please the Sultan Daaraaee.”

“Why, that’s all right,” said the sultan; “the bride is ready. Let some one call the teacher, Mwaalee’moo, and tell him to come at once.”

When Mwaaleemoo arrived, the sultan said, "See here, we want you to marry this gentleman to my daughter right away."

"All right; I'm ready," said the teacher. So they were married.

Early the next morning the gazelle said to his master: "Now I'm off on a journey. I shall be gone about a week; but however long I am gone, don't you leave the house till I return. Good-bye."

Then he went to the real sultan and said: "Good master, Sultan Daaraaee has ordered me to return to our town and put his house in order; he commands me to be here again in a week; if I do not return by that time, he will stay here until I come."

The sultan asked him if he would not like to have some soldiers go with him; but the gazelle replied that he was quite competent to take care of himself, as his previous journeys had proved, and he preferred to go alone; so with mutual good wishes they parted.

But Keejeepaa did not go in the direction of the old village. He struck off by another road through the forest, and after a time came to a very fine town, of large, handsome houses. As he went through the principal street, right to the far end, he was greatly astonished to observe that the town

seemed to have no inhabitants, for he saw neither man, woman, nor child in all the place.

At the end of the main street he came upon the largest and most beautiful house he had ever seen, built of sapphire, and turquoise, and costly marbles.

“Oh, my!” said the gazelle; “this house would just suit my master. I’ll have to pluck up my courage and see whether this is deserted like the other houses in this mysterious town.”

So Keejeepaa knocked at the door, and called, “Hullo, there!” several times; but no one answered. And he said to himself: “This is strange! If there were no one inside, the door would be fastened on the outside. Perhaps they are in another part of the house, or asleep. I’ll call again, louder.”

So he called again, very loud and long, “Hul-lo, th-e-re! Hul-lo!” And directly an old woman inside answered, “Who is that calling so loudly?”

“It is I, your grandchild, good mistress,” said Keejeepaa.

“If you are my grandchild,” replied the old woman, “go back to your home at once; don’t come and die here, and bring me to my death also.”

“Oh, come,” said he, “open the door, mistress; I have just a few words I wish to say to you.”

“My dear grandson,” she replied, “the only reason why I do not open the door is because I fear to endanger both your life and my own.”

“Oh, don’t worry about that; I guess your life and mine are safe enough for a while. Open the door, anyhow, and hear the little I have to say.”

So the old woman opened the door.

Then they exchanged salutations and compliments, after which she asked the gazelle, “What’s the news from your place, grandson?”

“Oh, everything is going along pretty well,” said he; “what’s the news around here?”

“Ah!” sighed the old creature; “the news here is very bad. If you’re looking for a place to die in, you’ve struck it here. I’ve not the slightest doubt you’ll see all you want of death this very day.”

“Huh!” replied Keejeepaa, lightly; “for a fly to die in honey is not bad for the fly, and doesn’t injure the honey.”

“It may be all very well for you to be easy about it,” persisted the old person; “but if people with swords and shields did not escape, how can a little thing like you avoid danger? I must again beg of you to go back to the place you came from. Your safety seems of more interest to me than it is to you.”

“Well, you see, I can’t go back just now; and besides, I want to find out more about this place. Who owns it?”

“Ah, grandson, in this house are enormous wealth, numbers of people, hundreds of horses, and the owner is Neeo’ka Mkoo’, the wonderfully big snake. He owns this whole town, also.”

“Oho! Is that so?” said Keejeepaa. “Look here, old lady; can’t you put me on to some plan of getting near this big snake, that I may kill him?”

“Mercy!” cried the old woman, in affright; “don’t talk like that. You’ve put my life in danger already, for I’m sure Neeoka Mkoo can hear what is said in this house, wherever he is. You see I’m a poor old woman, and I have been placed here, with those pots and pans, to cook for him. Well, when the big snake is coming, the wind begins to blow and the dust flies as it would do in a great storm. Then, when he arrives in the courtyard, he eats until he is full, and after that, goes inside there to drink water. When he has finished, he goes away again. This occurs every other day, just when the sun is overhead. I may add that Neeoka Mkoo has seven heads. Now, then, do you think yourself a match for him?”

“Look here, mother,” said the gazelle, “don’t you worry about me. Has this big snake a sword?”

“He has. This is it,” said she, taking from its peg a very keen and beautiful blade, and handing it to him; “but what’s the use in bothering about it? We are dead already.”

“We shall see about that,” said Keejeepaa.

Just at that moment the wind began to blow, and the dust to fly, as if a great storm were approaching.

“Do you hear the great one coming?” cried the old woman.

“Pshaw!” said the gazelle; “I’m a great one also—and I have the advantage of being on the inside. Two bulls can’t live in one cattle-pen. Either he will live in this house, or I will.”

Notwithstanding the terror the old lady was in, she had to smile at the assurance of this little undersized gazelle, and repeated over again her account of the people with swords and shields who had been killed by the big snake.

“Ah, stop your gabbling!” said the gazelle; “you can’t always judge a banana by its color or size. Wait and see, grandma.”

In a very little while the big snake, Neeoka Mkoo, came into the courtyard, and went around to all the pots and ate their contents. Then he came to the door.

“Hullo, old lady,” said he; “how is it I smell a new kind of odor inside there?”

“Oh, that’s nothing, good master,” replied the old woman; “I’ve been so busy around here lately I haven’t had

time to look after myself; but this morning I used some perfume, and that's what you smell."

Now, Keejeepaa had drawn the sword, and was standing just inside the doorway; so, when the big snake put his head in, it was cut off so quickly that its owner did not know it was gone. When he put in his second head it was cut off with the same quickness; and, feeling a little irritation, he exclaimed, "Who's inside there, scratching me?" He then thrust in his third head, and that was cut off also.

This continued until six heads had been disposed of, when Neeoka Mkoo unfolded his rings and lashed around so that the gazelle and the old woman could not see one another through the dust.

Then the snake thrust in his seventh head, and the gazelle, crying: "Now your time has come; you've climbed many trees, but this you can not climb," severed it, and immediately fell down in a fainting fit.

Well, that old woman, although she was seventy-five years of age, jumped, and shouted, and laughed, like a girl of nine. Then she ran and got water, and sprinkled the gazelle, and turned him this way and that way, until at last he sneezed; which greatly pleased the old person, who fanned him and tended him until he was quite recovered.

“Oh, my!” said she; “who would have thought you could be a match for him, my grandson?”

“Well, well,” said Keejeepaa; “that’s all over. Now show me everything around this place.”

So she showed him everything, from top to bottom: store-rooms full of goods, chambers full of expensive foods, rooms containing handsome people who had been kept prisoners for a long time, slaves, and everything.

Next he asked her if there was any person who was likely to lay claim to the place or make any trouble; and she answered: “No one; everything here belongs to you.”

“Very well, then,” said he, “you stay here and take care of these things until I bring my master. This place belongs to him now.”

Keejeepaa stayed three days examining the house, and said to himself: “Well, when my master comes here he will be much pleased with what I have done for him, and he’ll appreciate it after the life he’s been accustomed to. As to his father-in-law, there is not a house in his town that can compare with this.”

On the fourth day he departed, and in due time arrived at the town where the sultan and his master lived. Then there were great rejoicings; the sultan being particularly pleased at his return, while his master felt as if he had received a new lease of life.

After everything had settled down a little, Keejeepaa told his master he must be ready to go, with his wife, to his new home after four days. Then he went and told the sultan that Sultan Daaraae desired to take his wife to his own town in four days; to which the sultan strongly objected; but the gazelle said it was his master's wish, and at last everything was arranged.

On the day of the departure a great company assembled to escort Sultan Daaraae and his bride. There were the bride's ladies-in-waiting, and slaves, and horsemen, and Keejeepaa leading them all.

So they traveled three days, resting when the sun was overhead, and stopping each evening about five o'clock to eat and sleep; arising next morning at day-break, eating, and going forward again. And all this time the gazelle took very little rest, going all through the company, from the ladies to the slaves, and seeing that every one was well supplied with food and quite comfortable; therefore the entire company loved him and valued him like the apples of their eyes.

On the fourth day, during the afternoon, many houses came into view, and some of the folks called Keejeepaa's attention to them. "Certainly," said he; "that is our town, and that house you see yonder is the palace of Sultan Daaraae."

So they went on, and all the company filed into the courtyard, while the gazelle and his master went into the house.

When the old woman saw Keejeepaa, she began to dance, and shout, and carry on, just as she did when he killed Neeoka Mkoo, and taking up his foot she kissed it; but Keejeepaa said: "Old lady, let me alone; the one to be made much of is this my master, Sultan Daaraaee. Kiss his feet; he has the first honors whenever he is present."

The old woman excused herself for not knowing the master, and then Sultan Daaraaee and the gazelle went around on a tour of inspection. The sultan ordered all the prisoners to be released, the horses to be sent out to pasture, all the rooms to be swept, the furniture to be dusted, and, in the meantime, servants were busy preparing food. Then every one had apartments assigned to him, and all were satisfied.

After they had remained there some time, the ladies who had accompanied the bride expressed a desire to return to their own homes. Keejeepaa begged them not to hurry away, but after a while they departed, each loaded with gifts by the gazelle, for whom they had a thousand times more affection than for his master. Then things settled down to their regular routine.

One day the gazelle said to the old woman: "I think the conduct of my master is very singular. I have done nothing but good for him all the time I have been with him. I came to this town and braved many dangers for him, and when all

was over I gave everything to him. Yet he has never asked: 'How did you get this house? How did you get this town? Who is the owner of this house? Have you rented all these things, or have they been given you? What has become of the inhabitants of the place?' I don't [140] understand him. And further: although I have done nothing but good for him, he has never done one good thing for me. Nothing here is really his. He never saw such a house or town as this since the day he was born, and he doesn't own anything of it. I believe the old folks were right when they said, 'If you want to do any person good, don't do too much; do him a little harm occasionally, and he'll think more of you.' However, I've done all I can now, and I'd like to see him make some little return."

Next morning the old woman was awakened early by the gazelle calling, "Mother! Mother!" When she went to him she found he was sick in his stomach, feverish, and all his legs ached.

"Go," said he, "and tell my master I am very ill."

So she went upstairs and found the master and mistress sitting on a marble couch, covered with a striped silk scarf from India.

"Well," said the master, "what do you want, old woman?"

"Oh, my master," cried she, "Keejeepaa is sick!"

The mistress started and said: "Dear me! What is the matter with him?"

"All his body pains him. He is sick all over."

"Oh, well," said the master, "what can I do? Go and get some of that red millet, that is too common for our use, and make him some gruel."

"Gracious!" exclaimed his wife, staring at him in amazement; "do you wish her to feed our friend with stuff that a horse would not eat if he were ever so hungry? This is not right of you."

"Ah, get out!" said he, "you're crazy. We eat rice; isn't red millet good enough for a gazelle that cost only a dime?"

"Oh, but he is no ordinary gazelle. He should be as dear to you as the apple of your eye. If sand got in your eye it would trouble you."

"You talk too much," returned her husband; then, turning to the old woman, he said, "Go and do as I told you."

So the old woman went downstairs, and when she saw the gazelle, she began to cry, and say, "Oh, dear! oh, dear!"

It was a long while before the gazelle could persuade her to tell him what had passed upstairs, but at last she told him all. When he had heard it, he said: "Did he really tell you to make me red millet gruel?"

“Ah,” cried she, “do you think I would say such a thing if it were not so?”

“Well,” said Keejeepaa, “I believe what the old folks said was right. However, we’ll give him another chance. Go up to him again, and tell him I am very sick, and that I can’t eat that gruel.”

So she went upstairs, and found the master and mistress sitting by the window, drinking coffee.

The master, looking around and seeing her, said: “What’s the matter now, old woman?”

And she said: “Master, I am sent by Keejeepaa. He is very sick indeed, and has not taken the gruel you told me to make for him.”

“Oh, bother!” he exclaimed. “Hold your tongue, and keep your feet still, and shut your eyes, and stop your ears with wax; then, if that gazelle tells you to come up here, say that your legs are stiff; and if he tells you to listen, say your ears are deaf; and if he tells you to look, say your sight has failed you; and if he wants you to talk, tell him your tongue is paralyzed.”

When the old woman heard these words, she stood and stared, and was unable to move. As for his wife, her face became sad, and the tears began to start from her eyes; observing which, her husband said, sharply, “What’s the matter with you, sultan’s daughter?”

The lady replied, "A man's madness is his undoing."

"Why do you say that, mistress?" he inquired.

"Ah," said she, "I am grieved, my husband, at your treatment of Keejeepaa. Whenever I say a good word for the gazelle you dislike to hear it. I pity you that your understanding is gone."

"What do you mean by talking in that manner to me?" he blustered.

"Why, advice is a blessing, if properly taken. A husband should advise with his wife, and a wife with her husband; then they are both blessed."

"Oh, stop," said her husband, impatiently; "it's evident you've lost your senses. You should be chained up." Then he said to the old woman: "Never mind her talk; and as to this gazelle, tell him to stop bothering me and putting on style, as if he were the sultan. I can't eat, I can't drink, I can't sleep, because of that gazelle worrying me with his messages. First, the gazelle is sick; then, the gazelle doesn't like what he gets to eat. Confound it! If he likes to eat, let him eat; if he doesn't like to eat, let him die and be out of the way. My mother is dead, and my father is dead, and I still live and eat; shall I be put out of my way by a gazelle, that I bought for a dime, telling me he wants this thing or that thing? Go and tell him to learn how to behave himself toward his superiors."

When the old woman went downstairs, she found the gazelle was bleeding at the mouth, and in a very bad way. All she could say was, "My son, the good you did is all lost; but be patient."

And the gazelle wept with the old woman when she told him all that had passed, and he said, "Mother, I am dying, not only from sickness, but from shame and anger at this man's ingratitude."

After a while Keejeepaa told the old woman to go and tell the master that he believed he was dying. When she went upstairs she found Daaraaee chewing sugar-cane, and she said to him, "Master, the gazelle is worse; we think him nearer to dying than getting well."

To which he answered: "Haven't I told you often enough not to bother me?"

Then his wife said: "Oh, husband, won't you go down and see the poor gazelle? If you don't like to go, let me go and see him. He never gets a single good thing from you."

But he turned to the old woman and said, "Go and tell that nuisance of a gazelle to die eleven times if he chooses to."

"Now, husband," persisted the lady, "what has Keejeepaa done to you? Has he done you any wrong? Such words as yours people use to their enemies only. Surely the gazelle is not your enemy. All the people who know him, great and

lowly, love him dearly, and they will think it very wrong of you if you neglect him. Now, do be kind to him, Sultan Daaraae.”

The gazelle wept with the old woman.

The gazelle wept with the old woman.

But he only repeated his assertion that she had lost her wits, and would have nothing further of argument.

So the old woman went down and found the gazelle worse than ever.

In the meantime Sultan Daaraae’s wife managed to give some rice to a servant to cook for the gazelle, and also sent him a soft shawl to cover him and a pillow to lie upon. She also sent him a message that if he wished, she would have her father’s best physicians attend him.

All this was too late, however, for just as these good things arrived, Keejeepaa died.

When the people heard he was dead, they went running around crying and having an awful time; and when Sultan Daaraae found out what all the commotion was about he was very indignant, remarking, “Why, you are making as much fuss as if I were dead, and all over a gazelle that I bought for a dime!”

But his wife said: “Husband, it was this gazelle that came to ask me of my father, it was he who brought me from my

father's, and it was to him I was given by my father. He gave you everything good, and you do not possess a thing that he did not procure for you. He did everything he could to help you, and you not only returned him unkindness, but now he is dead you have ordered people to throw him into the well. Let us alone, that we may weep."

But the gazelle was taken and thrown into the well.

Then the lady wrote a letter telling her father to come to her directly, and despatched it by trusty messengers; upon the receipt of which the sultan and his attendants started hurriedly to visit his daughter.

When they arrived, and heard that the gazelle was dead and had been thrown into the well, they wept very much; and the sultan, and the vizir, and the judges, and the rich chief men, all went down into the well and brought up the body of Keejeepaa, and took it away with them and buried it.

Now, that night the lady dreamt that she was at home at her father's house; and when dawn came she awoke and found she was in her own bed in her own town again.

And her husband dreamed that he was on the dust heap, scratching; and when he awoke there he was, with both hands full of dust, looking for grains of millet. Staring wildly he looked around to the right and left, saying: "Oh,

who has played this trick on me? How did I get back here, I wonder?"

Just then the children going along, and seeing him, laughed and hooted at him, calling out: "Hullo, Haamdaanee, where have you been? Where do you come from? We thought you were dead long ago."

So the sultan's daughter lived in happiness with her people until the end, and that beggar-man continued to scratch for grains of millet in the dust heap until he died.

If this story is good, the goodness belongs to all; if it is bad, the badness belongs only to him who told it.

MKAAAH JEECHONEE, THE BOY HUNTER

GEORGE W. BATEMAN

Sultan Maaj'noon had seven sons and a big cat, of all of whom he was very proud.

Everything went well until one day the cat went and caught a calf. When they told the sultan he said, "Well, the cat is mine, and the calf is mine." So they said, "Oh, all right, master," and let the matter drop.

A few days later the cat caught a goat; and when they told the sultan he said, "The cat is mine, and the goat is mine;" and so that settled it again.

Two days more passed, and the cat caught a cow. They told the sultan, and he shut them up with "My cat, and my cow."

After another two days the cat caught a donkey; same result.

Next it caught a horse; same result.

The next victim was a camel; and when they told the sultan he said: "What's the matter with you folks? It was

my cat, and my camel. I believe you don't like my cat, and want it killed, bringing me tales about it every day. Let it eat whatever it wants to."

In a very short time it caught a child, and then a full-grown man; but each time the sultan remarked that both the cat and its victim were his, and thought no more of it.

Meantime the cat grew bolder, and hung around a low, open place near the town, pouncing on people going for water, or animals out at pasture, and eating them.

At last some of the people plucked up courage; and, going to the sultan, said: "How is this, master? As you are our sultan you are our protector,—or ought to be,—yet you have allowed this cat to do as it pleases, and now it lives just out of town there, and kills everything living that goes that way, while at night it comes into town and does the same thing. Now, what on earth are we to do?"

But Maajnoon only replied: "I really believe you hate my cat. I suppose you want me to kill it; but I shall do no such thing. Everything it eats is mine."

Of course the folks were astonished at this result of the interview, and, as no one dared to kill the cat, they all had to remove from the vicinity where it lived. But this did not mend matters, because, when it found no one came that way, it shifted its quarters likewise.

So complaints continued to pour in, until at last Sultan Maajnoon gave orders that if any one came to make accusations against the cat, he was to be informed that the master could not be seen.

When things got so that people neither let their animals out nor went out themselves, the cat went farther into the country, killing and eating cattle, and fowls, and everything that came its way.

One day the sultan said to six of his sons, "I'm going to look at the country to-day; come along with me."

The seventh son was considered too young to go around anywhere, and was always left at home with the women folk, being called by his brothers Mkaa'ah Jeecho'nee, which means Mr. Sit-in-the-kitchen.

Well, they went, and presently came to a thicket. The father was in front and the six sons following him, when the cat jumped out and killed three of the latter.

The attendants shouted, "The cat! the cat!" and the soldiers asked permission to search for and kill it, which the sultan readily granted, saying: "This is not a cat, it is a noon'dah. It has taken from me my own sons."

Now, nobody had ever seen a noondah, but they all knew it was a terrible beast that could kill and eat all other living things.

When the sultan began to bemoan the loss of his sons, some of those who heard him said: "Ah, master, this noondah does not select his prey. He doesn't say: 'This is my master's son, I'll leave him alone,' or, 'This is my master's wife, I won't eat her.' When we told you what the cat had done, you always said it was your cat, and what it ate was yours, and now it has killed your sons, and we don't believe it would hesitate to eat even you."

And he said, "I fear you are right."

As for the soldiers who tried to get the cat, some were killed and the remainder ran away, and the sultan and his living sons took the dead bodies home and buried them.

Now when Mkaaah Jeechonee, the seventh son, heard that his brothers had been killed by the noondah, he said to his mother, "I, too, will go, that it may kill me as well as my brothers, or I will kill it."

But his mother said: "My son, I do not like to have you go. Those three are already dead; and if you are killed also, will not that be one wound upon another to my heart?"

"Nevertheless," said he, "I can not help going; but do not tell my father."

So his mother made him some cakes, and sent some attendants with him; and he took a great spear, as sharp as a razor, and a sword, bade her farewell, and departed.

As he had always been left at home, he had no very clear idea what he was going to hunt for; so he had not gone far beyond the suburbs, when, seeing a very large dog, he concluded that this was the animal he was after; so he killed it, tied a rope to it, and dragged it home, singing,

“Oh, mother, I have killed
The noondah, eater of the people.”

When his mother, who was upstairs, heard him, she looked out of the window, and, seeing what he had brought, said, “My son, this is not the noondah, eater of the people.”

So he left the carcass outside and went in to talk about it, and his mother said, “My dear boy, the noondah is a much larger animal than that; but if I were you, I’d give the business up and stay at home.”

“No, indeed,” he exclaimed; “no staying at home for me until I have met and fought the noondah.”

So he set out again, and went a great deal farther than he had gone on the former day. Presently he saw a civet cat, and, believing it to be the animal he was in search of, he killed it, bound it, and dragged it home, singing,

“Oh, mother, I have killed The noondah, eater of the people.”

When his mother saw the civet cat, she said, "My son, this is not the noondah, eater of the people." And he threw it away.

Again his mother entreated him to stay at home, but he would not listen to her, and started off again.

This time he went away off into the forest, and seeing a bigger cat than the last one, he killed it, bound it, and dragged it home, singing,

"Oh, mother, I have killed

The noondah, eater of the people."

But directly his mother saw it, she had to tell him, as before, "My son, this is not the noondah, eater of the people."

He was, of course, very much troubled at this; and his mother said, "Now, where do you expect to find this noondah? You don't know where it is, and you don't know what it looks like. You'll get sick over this; you're not looking so well now as you did. Come, stay at home."

But he said: "There are three things, one of which I shall do: I shall die; I shall find the noondah and kill it; or I shall return home unsuccessful. In any case, I'm off again."

This time he went farther than before, saw a zebra, killed it, bound it, and dragged it home, singing,

"Oh, mother, I have killed the noondah, eater of the people."

Of course his mother had to tell him, once again, “My son, this is not the noondah, eater of the people.”

After a good deal of argument, in which his mother’s persuasion, as usual, was of no avail, he went off again, going farther [164] than ever, when he caught a giraffe; and when he had killed it he said: “Well, this time I’ve been successful. This must be the noondah.” So he dragged it home, singing,

“Oh, mother, I have killed the noondah, eater of the people.”

Again his mother had to assure him, “My son, this is not the noondah, eater of the people.” She then pointed out to him that his brothers were not running about hunting for the noondah, but staying at home attending to their own business. But, remarking that all brothers were not alike, he expressed his determination to stick to his task until it came to a successful termination, and went off again, a still greater distance than before.

While going through the wilderness he espied a rhinoceros asleep under a tree, and turning to his attendants he exclaimed, “At last I see the noondah.”

“Where, master?” they all cried, eagerly.

“There, under the tree.”

“Oh-h! What shall we do?” they asked.

And he answered: "First of all, let us eat our fill, then we will attack it. We have found it in a good place, though if it kills us, we can't help it."

So they all took out their arrowroot cakes and ate till they were satisfied.

Then Mkaaah Jeechonee said, "Each of you take two guns; lay one beside you and take the other in your hands, and at the proper time let us all fire at once."

And they said, "All right, master."

So they crept cautiously through the bushes and got around to the other side of the tree, at the back of the rhinoceros; then they closed up till they were quite near it, and all fired together. The beast jumped up, ran a little way, and then fell down dead.

They bound it, and dragged it for two whole days, until they reached the town, when Mkaaah Jeechonee began singing,

"Oh, mother, I have killed the noondah, eater of the people."

But he received the same answer from his mother: "My son, this is not the noondah, eater of the people."

And many persons came and looked at the rhinoceros, and felt very sorry for the young man. As for his father and mother, they both begged of him to give up, his father

offering to give him anything he possessed if he would only stay at home. But he said, "I don't hear what you are saying; good-bye," and was off again.

This time he still further increased the distance from his home, and at last he saw an elephant asleep at noon in the forest. Thereupon he said to his attendants, "Now we have found the noondah."

"Ah, where is he?" said they.

"Yonder, in the shade. Do you see it?"

They crept cautiously through the bushes.

They crept cautiously through the bushes.

"Oh, yes, master; shall we march up to it?"

"If we march up to it, and it is looking this way, it will come at us, and if it does that, some of us will be killed. I think we had best let one man steal up close and see which way its face is turned."

As every one thought this was a good idea, a slave named Keerobo'to crept on his hands and knees, and had a good look at it. When he returned in the same manner, his master asked: "Well, what's the news? Is it the noondah?"

"I do not know," replied Keeroboto; "but I think there is very little doubt that it is. It is broad, with a very big head, and, goodness, I never saw such large ears!"

“All right,” said Mkaaah Jeechonee; “let us eat, and then go for it.”

So they took their arrowroot cakes, and their molasses cakes, and ate until they were quite full.

Then the youth said to them: “My people, to-day is perhaps the last we shall ever see; so we will take leave of each other. Those who are to escape will escape, and those who are to die will die; but if I die, let those who escape tell my mother and father not to grieve for me.”

But his attendants said, “Oh, come along, master; none of us will die, please God.”

So they went on their hands and knees till they were close up, and then they said to Mkaaah Jeechonee, “Give us your plan, master;” but he said, “There is no plan, only let all fire at once.”

Well, they fired all at once, and immediately the elephant jumped up and charged at them. Then such a helter-skelter flight as there was! They threw away their guns and everything they carried, and made for the trees, which they climbed with surprising alacrity.

As to the elephant, he kept straight ahead until he fell down some distance away.

They all remained in the trees from three until six o'clock in the morning, without food and without clothing.

The young man sat in his tree and wept bitterly, saying, "I don't exactly know what death is, but it seems to me this must be very like it." As no one could see any one else, he did not know where his attendants were, and though he wished to come down from the tree, he thought, "Maybe the noondah is down below there, and will eat me."

Each attendant was in exactly the same fix, wishing to come down, but afraid the noondah was waiting to eat him.

Keeroboto had seen the elephant fall, but was afraid to get down by himself, saying, "Perhaps, though it has fallen down, it is not dead." But presently he saw a dog go up to it and smell it, and then he was sure it was dead. Then he got down from the tree as fast as he could [171] and gave a signal cry, which was answered; but not being sure from whence the answer came, he repeated the cry, listening intently. When it was answered he went straight to the place from which the sound proceeded, and found two of his companions in one tree. To them he said, "Come on; get down; the noondah is dead." So they got down quickly and hunted around until they found their master. When they told him the news, he came down also; and after a little the attendants had all gathered together and had picked up their guns and their clothes, and were all right again. But they were all weak and hungry, so they rested and ate some food, after which they went to examine their prize.

As soon as Mkaaah Jeechonee saw it he said, "Ah, this is the noondah! This is it! This is it!" And they all agreed that it was it.

So they dragged the elephant three days to their town, and then the youth began singing,

"Oh, mother, this is he,

The noondah, eater of the people."

He was, naturally, quite upset when his mother replied, "My son, this is not the noondah, eater of the people." She further said: "Poor boy! what trouble you have been through. All the people are astonished that one so young should have such a great understanding!"

Then his father and mother began their entreaties again, and finally it was agreed that this next trip should be his last, whatever the result might be.

Well, they started off again, and went on and on, past the forest, until they came to a very high mountain, at the foot of which they camped for the night.

They camped for the night.

They camped for the night.

In the morning they cooked their rice and ate it, and then Mkaaah Jeechonee said: "Let us now climb the mountain, and look all over the country from its peak." And they went and they went, until after a long, weary

while, they reached the top, where they sat down to rest and form their plans.

Now, one of the attendants, named Shindaa'no, while walking about, cast his eyes down the side of the mountain, and suddenly saw a great beast about half way down; but he could not make out its appearance distinctly, on account of the distance and the trees. Calling his master, he pointed it out to him, and something in Mkaaah Jeechonee's heart told him that it was the noondah. To make sure, however, he took his gun and his spear and went partly down the mountain to get a better view.

“Ah,” said he, “this must be the noondah. My mother told me its ears were small, and those are small; she told me the noondah is broad and short, and so is this; she said it has two blotches, like [176]a civet cat, and there are the blotches; she told me the tail is thick, and there is a thick tail. It must be the noondah.”

Then he went back to his attendants and bade them eat heartily, which they did. Next he told them to leave every unnecessary thing behind, because if they had to run they would be better without encumbrance, and if they were victorious they could return for their goods.

When they had made all their arrangements they started down the mountain, but when they had got about half way

down Keeroboto and Shindaano were afraid. Then the youth said to them: "Oh, let's go on; don't be afraid. We all have to live and die. What are you frightened about?" So, thus encouraged, they went on.

When they came near the place, Mkaaah Jeechonee ordered them to take off all their clothing except one piece, and to place that tightly on their bodies, so that if they had to run they would not be caught by thorns or branches.

So when they came close to the beast, they saw that it was asleep, and all agreed that it was the noondah.

Then the young man said, "Now the sun is setting, shall we fire at it, or let be till morning?"

And they all wished to fire at once, and see what the result would be without further tax on their nerves; therefore they arranged that they should all fire together.

They all crept up close, and when the master gave the word, they discharged their guns together. The noondah did not move; that one dose had been sufficient. Nevertheless, they all turned and scampered up to the top of the mountain. There they ate and rested for the night.

In the morning they ate their rice, and then went down to see how matters were, when they found the beast lying dead.

After resting and eating, they started homeward, dragging the dead beast with them. On the fourth day it began

to give indications of decay, and the attendants wished to abandon it; but Mkaaah Jeechonee said they would continue to drag it if there was only one bone left.

When they came near the town he began to sing,
“Mother, mother, I have come
From the evil spirits, home.
Mother, listen while I sing;
While I tell you what I bring.
Oh, mother, I have killed
The noondah, eater of the people.”

And when his mother looked out, she cried, “My son, this is the noondah, eater of the people.”

Then all the people came out to welcome him, and his father was overcome with joy, and loaded him with honors, and procured him a rich and beautiful wife; and when he died Mkaaah Jeechonee became sultan, and lived long and happily, beloved by all the people.

WHAT CAUSED THEIR DEATHS?

ROBERT HAMILL NASSAU

Persons

Mbwa (Dog)

Kudu (Tortoise)

Mbala (Squirrel)

NOTE

Dog and squirrel were of the same age, and they met with the same end. They each had an object of their special liking, the excessive use of which finally was the cause of their death.

Dog, Squirrel, Tortoise and others were living in one town. They all, at that time, ate of the same kind of food. But, they were at peace in that village during only two weeks. Then Squirrel and Dog said to Tortoise, "Let us divide, and have peace each at our separate villages. You, Kudu, and the others can stay at this spot if you like."

Squirrel said he would remove to a place about three miles distant north. Dog went about three miles in the opposite direction. So, each had his own little hamlet.

On another day, Squirrel said to his wife, "I am going on a journey to see my friend Mbwa." He started, came to Dog's place, and entered the house. Dog welcomed him,

played with him, and killed a fowl for their dinner. With Squirrel had come one of his wives.

While the women were cooking inside the house, Dog and Squirrel were sitting in the ikenga (reception-room). They were conversing there. After awhile, Dog said to Squirrel "Excuse me, I will go to see about the food." He went inside, and lay down near the fire, and Squirrel was left alone.

Dog stayed there inside the house, until the food was cooked. Then he came out to his friend, and began to set the table, while the women came in with the food, and put it on the table. Dog drew up by the table ready to eat; and Squirrel also; and Squirrel's wife, and Dog's wife also, making four at the table.

During the eating, Squirrel said to Dog, "My friend! when you left me here in the ikenga, where did you go to, the while that the women were cooking the food?" Dog answered, "Ah! my friend, you know that I like fire very much. While we were talking here, you and I, cold seized me."

Then Squirrel said, "Ah! my friend, you like fire too much; I think you will die of fire some day."

They finished the food; and after that, Squirrel prepared his return journey to his village. And he said to Dog, "My friend Mbwa, how many days before you shall come to my place?" Dog answered, "In two days, then will I come."

So, Squirrel returned to his village. His wives and children told him the daily news of what had occurred in the village while he was away. And he told them about what he had seen at Dog's. And he added, "But, there is one thing I noticed; my friend Mbwa likes fire very much."

He waited the two days; Dog came on his visit; and Squirrel killed a fowl for his guest. And he bade his woman cook the fowl. In the meanwhile, Dog and Squirrel sat in the ikenga conversing. Presently Squirrel said to Dog, "Excuse me, I am going. I will return."

Squirrel went out into his garden, and climbed up a banana stalk, and began eating the ripe fruit at the top of the bunch. After awhile, he came down again. And he went into the ikenga to prepare the table for the food. When it was ready, Dog sat up at the table. With him were his wife, and Squirrel and Squirrel's wife.

Presently, Dog inquired of Squirrel, "My friend! when you left me sitting here alone, where did you go to?" Squirrel answered, "My friend! you know I like to eat bananas. So, I was up the tree," Then Dog said, "My friend! you love bananas too much; some day, you will die with them."

When they had finished their food, Dog said, "I am on my return to my village." So he returned thither. But he was arrived there only two days when he happened to fall into

the fire-place. And he died in the fire. The news was carried to his friend Squirrel, "Your friend Mbwa is dead by fire." Squirrel replied, "Yes, I said so; for he loved fire too much."

On another day, in Man's town, a person went to look for food at his banana tree. And he saw that the fruit was eaten at the top, by some animal. So, that Man made a snare at the Banana tree. On the next day, Squirrel said to himself, "I'm going to eat my banana food wherever I shall find it."

He came to the town of Man, and climbed the tree. The snare caught and killed him; and he died there. The Man came and found the body of Squirrel; and he exclaimed "Good!"

The news was carried to the village of Squirrel's children, "Your father is dead, at a banana tree."

And they said, "Yes; for our father loved bananas very much. He had said that Mbwa would die by fire because he loved fire. And himself also loved bananas."

“DEATH BEGINS BY SOME ONE PERSON”: A PROVERB

ROBERT HAMILL NASSAU

Persons

Kâ (A Very Big Snail)

Ngâmbi (Igwana)

Kudu (Tortoise)

Lonâni (Birds)

Kema (Monkeys)

A Man

NOTE

Trouble came to all these animals, even to the innocent, through the noise of some of them. Igwanas are supposed, by the natives, to be deaf.

Snail, Igwana and Tortoise all lived together in one village. One day, Tortoise went to roam in the forest. There he found a large tree called Evenga. He said to himself, "I will stay at the foot of this tree, and wait for the fruit to fall." During two days, he remained there alone.

On the third day, Igwana said to Snail, "I must go and search for our Chum Kudu, wherever he is." So, Igwana went; and he found Tortoise in a hole at the foot of that tree. Igwana said to him, "Chum! for two days I haven't seen you!" Tortoise replied, "I shan't go back to the village; I will remain here." Then Igwana said to him, "Well, then; let us sit here together in the same spot." Tortoise objected,

“No!” So Igwana climbed up the trunk a very short distance, and clung there.

After two days, Snail, who had been left alone, said to himself, “I must follow my friends, and find where they are.”

So, Snail journeyed, and found Tortoise and Igwana there at that tree. Looking at the tree, he exclaimed, “Ah! what a fine tree under which to sit!” The others replied, “Yes; stay here!” So Snail said to Igwana, “I will stay near you, Chum Ngâmbi, where you are.” But Igwana objected, “No!”

There was a vine hanging down from the treetop to the ground, and Snail climbed up the vine. Thus the three friends were arranged; Tortoise in the hole at the foot of the tree, Igwana up the trunk a short way, and Snail on the vine half-way to the top.

Igwana held on where he was, close to the bark of the tree. He was partly deaf, and did not hear well.

After two days, the tree put forth a great abundance of fruit. The fruit all ripened. Very many small Birds came to the tree-top to eat the fruit. And very many small Monkeys too, at the top. Also big monkeys. And also big birds. All crowded at the top. They all began to eat the fruit. As they ate, they played, and made a great deal of noise.

Tortoise hearing this noise, and dreading that it might attract the notice of some enemy, called to Igwana, “Ngâmbi!

tell Kâ to say to those people there at the top of the tree, to eat quietly, and not with so much noise.”

Tortoise himself did not call to Snail, lest his shout should add to the noise. He only spoke in a low voice to Igwana. But, to confirm his words, he quoted a proverb, “Iwedo a yalakēndi na moto umbaka” (death begins by one person). This meant that they all should be watchful, lest Danger come to them all by the indiscretion of a few. But Igwana did not hear; and was silent.

Tortoise called again, “Ngâmbi! tell Kâ to tell those people to eat quietly, and without noise.” Igwana was silent, and made no answer. A third and a fourth time, Tortoise called out thus to Igwana; but he did not hear. So, Tortoise said to himself, “I won’t say any more!”

A man from Njambo’s Town had gone out to hunt, having with him bow and arrow, a machete, and a gun. In his wandering, he happened to come to that tree. Hearing the noise of voices, he looked up and saw the many monkeys and birds on the tree. He exclaimed to himself, “Ah! how very many on one tree, more than I have ever seen!”

He shot his arrow; and three monkeys fell. He fired his gun, and killed seven birds. Then the Birds and the Monkeys all scattered and fled in fear. The Man also looked at the foot of the tree, and saw Tortoise in the hole. He drew him

out, and thrust him into his hunting-bag. Then he looked on the other side of the tree, and saw Igwana within reach. He rejoiced in his success, "Oh! Igwana here too!" He struck him with the machete; and Igwana died.

Observing the vine, the Man gave it a pull. And down fell Snail! The Man exclaimed, "So! this is Snail!"

As the Man started homeward carrying his load of animals, Tortoise in the bag, mourning over his fate, said to the dead Igwana and the others, "I told you to call to Kâ to warn Kema and Lonani; and, now death has come to us all! If you, Kema and Lonani, in the beginning, on the tree-top, had not made such a noise, Man would not have come to kill us. This all comes from you."

And Man took all these animals to his town, and divided them among his people.

THE KITES AND THE CROWS

GEORGE W. BATEMAN

One day Koongoo'roo, sultan of the crows, sent a letter to Mway'way, sultan of the kites, containing these few words: "I want you folks to be my soldiers."

To this brief message Mwayway at once wrote this short reply: "I should say not."

Thereupon, thinking to scare Mwayway, the sultan of the crows sent him word, "If you refuse to obey me I'll make war upon you."

To which the sultan of the kites replied, "That suits me; let us fight, and if you beat us we will obey you, but if we are victors you shall be our servants."

So they gathered their forces and engaged in a great battle, and in a little while it became evident that the crows were being badly beaten.

As it appeared certain that, if something were not done pretty quickly, they would all be killed, one old crow, named Jeeoo'see, suddenly proposed that they should fly away.

Directly the suggestion was made it was acted upon, and the crows left their homes and flew far away, where they set up another town. So, when the kites entered the place, they found no one there, and they took up their residence in Crowtown.

One day, when the crows had gathered in council, Koongooroo stood up and said: "My people, do as I command you, and all will be well. Pluck out some of my feathers and throw me into the town of the kites; then come back and stay here until you hear from me."

Without argument or questioning the crows obeyed their sultan's command.

Koongooroo had lain in the street but a short time, when some passing kites saw him and inquired threateningly, "What are you doing here in our town?"

With many a moan he replied, "My companions have beaten me and turned me out of their town because I advised them to obey Mwayway, sultan of the kites."

When they heard this they picked him up and took him before the sultan, to whom they said, "We found this fellow lying in the street, and he attributes his involuntary presence in our town to so singular a circumstance that we thought you should hear his story."

Koongooroo was then bidden to repeat his statement, which he did, adding the remark that, much as he had

suffered, he still held to his opinion that Mwayway was his rightful sultan.

This, of course, made a very favorable impression, and the sultan said, "You have more sense than all the rest of your tribe put together; I guess you can stay here and live with us."

So Koongooroo, expressing much gratitude, settled down, apparently, to spend the remainder of his life with the kites.

One day his neighbors took him to church with them, and when they returned home they asked him, "Who have the best kind of religion, the kites or the crows?"

To which crafty old Koongooroo replied, with great enthusiasm, "Oh, the kites, by long odds!"

This answer tickled the kites like anything, and Koongooroo was looked upon as a bird of remarkable discernment.

When almost another week had passed, the sultan of the crows slipped away in the night, went to his own town, and called his people together.

"To-morrow," said he, "is the great annual religious festival of the kites, and they will all go to church in the morning. Go, now, and get some wood and some fire, and wait near their town until I call you; then come quickly and set fire to the church."

Then he hurried back to Mwayway's town.

The crows were very busy indeed all that night, and by dawn they had an abundance of wood and fire at hand, and were lying in wait near the town of their victorious enemies.

So in the morning every kite went to church. There was not one person left at home except old Koongooroo.

When his neighbors called for him they found him lying down. "Why!" they exclaimed with surprise, "are you not going to church to-day?"

"Oh," said he, "I wish I could; but my stomach aches so badly I can't move!" And he groaned dreadfully.

"Ah, poor fellow!" said they; "you will be better in bed;" and they left him to himself.

As soon as everybody was out of sight he flew swiftly to his soldiers and cried, "Come on; they're all in the church."

Then they all crept quickly but quietly to the church, and while some piled wood about the door, others applied fire.

They found him lying down.

They found him lying down.

The wood caught readily, and the fire was burning fiercely before the kites were aware of their danger; but when the church began to fill with smoke, and tongues of flame shot through the cracks, they tried to escape through the windows. The greater part of them, however, were

suffocated, or, having their wings singed, could not fly away, and so were burned to death, among them their sultan, Mwayway; and Koongooroo and his crows got their old town back again.

From that day to this the kites fly away from the crows.

A JOURNEY FOR SALT

ROBERT HAMILL NASSAU

Persons

Njâbu (Civet)

Mbâmâ (Boa)

Ngweya (Hog)

Kudu (Tortoise)

A Man, and Hunters

NOTE

Interior tribes formerly obtained their salt from seawater evaporated by the coast tribes in large shallow brass pans, called “neptunes,” imported by foreign traders.

All these four Beasts were neighbors, living together in one town.

One time, in the evening, about an hour after the regular six o'clock sunset, they all, were sitting conversing in the street. Then Tortoise said to the others, “Here! I have something to say! I wish to talk with you. Tomorrow, let us go on a journey, to take a walk through the forest down to the Sea, to buy salt.” They all assented, “Yes! so let it be!”

Late at night, they dispersed to their houses, to lie down for sleep.

After awhile, the day began to break.

Early in the morning, they prepared for their journey. And Tortoise said to them, “I have here another thing to say;

my last word. That is: As we go, no one of us is to start any new affair on the way; only steadily down to the Seacoast." They all said, "Yes! we are agreed."

So, they started through the forest, going on their journey. They went, and they went, on and on, expecting to go a long way, until they should by evening come to their camping-place for the night. But, on the way, Civet began to say, "Ah! my stomach aches! Ah! my stomach aches!" Tortoise asked, "What do you mean by 'stomach-ache?'" Civet answered, "'Stomach-ache' means that my bowels trouble me, and that I need to go."

Tortoise said, "Well! go! step aside from the path into the bushes, and we will wait for you here." But Civet said, "No! not in the bushes; for, I must go back to the kitchen-garden of my mother in our town." Tortoise exclaimed, "By no means! When we arranged for this journey, what did I say in the town?" They all admitted, "You said that none of us should start any affair on the way." Therefore Tortoise said, "But, you, Njābu, have begun a new matter on the way. If so, this journey is going to end in trouble!"

Nevertheless, Civet ran rapidly back before night to his mother's kitchen-garden in his town, at the place where he usually went, while the three others sat down in the path to await his return. After a long time, Civet, having relieved

himself, came again by night to his companions, saying, "I am feeling very well."

The next day, they all rose, saying, "Now! Let us resume our journey!" and they started again.

They walked, and they walked, until Boa cried, "O! my stomach! O! my stomach aches!" Then Tortoise asked him, "What is 'stomach ache'?" Boa replied, "It means that hunger has seized me." So Tortoise said, "Yes, that's right. We have with us food for the journey ready. So, come, all of you, let us all eat." But Boa said, "No! not this food. I must go and seek other food." Tortoise inquired, "What other kind of food?" Boa said, "Let me go over yonder a little way; and I shall return."

As he was going, he came in sight of a red Antelope. Boa curled his body in folds, according to his manner of crushing his prey. The Antelope happened along; and Boa seized and killed it. He covered it with saliva very much, as is its manner in swallowing its prey. And, carrying it to their camp, Boa lay down with it. Tortoise said, "We will all eat together of it." But Boa replied, "We do not give each other in the town; shall we give each other on the journey?" Then he swallowed the entire carcass. Presently he called the other three; and they went to him. And he said to them, "I have finished eating, and I am satisfied."

So, Tortoise said, "Come on, then; let us continue our journey." But Boa said, "No! I shall leave this place only when this Beast I have eaten dissolves." Tortoise expostulated, "Indeed! Chum! I said in the town, 'Let no one begin any matter on the way,' yet, first Njâbu began his affair; and now you, Mbâmâ, begin yours!"

However, they all sat down, and waited for Boa's food to digest. For an entire month they waited there, delaying while that food was being digested. Finally, Boa said, "Now, we will journey, but first I will go to the river to drink." He drank a very great deal of water, which acted as a purgative to relieve his bowels of the bones of the Antelope. Then he reported to the others, "I am feeling very well. Let us go."

They went, and they went. And they came to a large tree so recently fallen across the path that its leaves were still green. Hog jumped over to the other side of it. Also, Boa crawled over it. And Civet leaped over it. They called to Tortoise, who was vainly trying to climb over it, "Come on! Let us go ahead! Jump!"

But, Tortoise being vexed, said, "No! I won't go! You know I have no long legs. What can I do! So, I shall leave this spot only when this tree has rotted through, giving me an open way!" They all wondered, and said, "No! this tree is new and fresh. It will rot in how many days?"

Tortoise replied, "Not me! you! For, had not you two, Njâbu and Mbâmâ, delayed us, we would already have passed this spot long before this tree fell. You, Njâbu, first began a matter; soon, you, Mbâmâ, began your matter; now, this is my matter. Now wait for me." So, they waited and waited.

But, while waiting, the other three went out sometimes by early daylight in the morning to an adjacent plantation, and found there corn, yams, plantains, and all kinds of food. Civet and Hog said, "We must eat!" They ate up the corn, and finished the plantains.

One day, a Man of another town, was wandering in the forest. As he journeyed, he was looking from side to side on the way, peering for what he might find. And he saw many tracks of Beasts. Examining them closely, he said, "This track looks like that of a tortoise! Yes, and this like a hog's! And, here, O! this other is of a civet! And, ha! [148]ha! a trail of a boa is this!" He exclaimed, "How many Beasts this place has! I will call the townspeople to come and kill these Beasts; for, there must be many." So, he hurried rapidly back, and arrived at the town.

When there, he shouted, "Come on, men! Come to the forest! I've found many Beasts!" The owner of the Plantation came along. His people took their guns; and some took machetes; and some, spears and knives. Others took nets.

And they all went together at once. They also had with them, dogs, to whose necks they tied little bells.

When they came to that place where the four Beasts were, the dogs barked and shook their bells as they raced. And the men began to shout “Hà! hà!” to drive the Beasts into the net. They first came upon Hog, fired a gun at him, and he died. Next, they came upon Civet, and pierced him with a spear. They killed also Boa, who was lying dormant by the log. And they saw the other Beast, Tortoise, on one side of the log, trying to conceal itself among the decayed leaves, and seized it. Having the three dead bodies, they kept Tortoise alive, and tied him with a cord.

They had begun the killing of these Beasts late in the afternoon, and they reached their town about sunset. And they said, “Put all the carcasses in one house; but suspend Tortoise from the roof.” They consulted, “We shall eat those Beasts only tomorrow; for, the evening is too late to cut them up and cook them.” So, they all went to sleep.

Near midnight, Tortoise, after a long effort, wriggled out of the coils of the cord. He came to the corner of the room where were the bodies of the other three Beasts. He said over Civet’s body, “Did I not say to you, ‘Begin no new matter on the way?’ And now you are a corpse.” And over Boa, he said, “You too; I told you not to begin a matter; and

now you are a dead body. Had we not begun these matters on the way, we would have finished our journey safely.”

Then he scratched a hole under the wall of the house, and escaped to the forest.

After that, the day broke. And the townspeople said among themselves, “Bring the Beasts outside of the house; let us cut them up.” They did so with the three dead bodies. And they told a lad, “Bring the Kudu that is suspended from the rafters.”

The lad looked and reported, “I have seen no Kudu.” They all went to look for it, and could see nothing of it. So, they said, “Let us eat these. Let the other go; for, it has run away.”

DOG, AND HIS HUMAN SPEECH

ROBERT HAMILL NASSAU

Persons

Mbwa (Dog), and His Mother

A Man Njambo, and Daughter Eyâle

NOTE

In the pre-historic times, from which these tales come, all animals, both human and (what we now call) the lower animals, were supposed to associate together, even in marriage. This son Mbwa, in form (and speaking also) like what we now call a “Dog,” spoke also with human speech. The reason is here given why this ancestor of Dogs left the country of the Beasts. But, though Dogs now live with Mankind, they cannot use human speech as their ancestor did. They can only say “Ow! Ow!”

Dog and his mother were the only inhabitants of their hamlet. He had the power to speak both as a beast and as a human being.

One day the mother said to the son, “You are now a strong man; go, and seek a marriage. Go, and marry Eyåle, the daughter of Njambo.” And he said to his mother, “I will go tomorrow.”

That day darkened. And they both went to lie down in their places for sleep.

Then soon, another day began to break.

Dog said to his mother, "This is the time of my journey." It was about sun-rise in the morning. And he began his journey. He went the distance of about eight miles; and arrived at the journey's end before the middle of the morning.

He entered the house of Njambo, the father of Eyâle. Njambo and his wife saluted him, "Mbololo!" and he responded, "Ai! mbololo!" Njambo asked him, "My friend! what is the cause of your journey?" Dog, with his animal language, answered, "I have come to marry your daughter Eyâle." Njambo consented; and the mother of the girl also agreed. They called their daughter, and asked her; and she also replied, "Yes! with all my heart." This young woman was of very fine appearance in face and body. So, all the parties agreed to the marriage.

After that, about sun-set in the evening, when they sat down at supper, the son-in-law, Dog, was not able to eat for some unknown reason.

That day darkened; and they went to their sleep.

And, then, the next daylight broke. But, by an hour after sunrise in the morning, Dog had not risen; he was still asleep.

The mother of the woman said to her, "Get some water ready for the washing of your husband's face, whenever he

shall awake." She also said to her daughter, "I am going to go into the forest to the plantation to get food for your husband; for, since his coming, he has not eaten. Also, here is a chicken; the lads may kill and prepare it. But, you yourself must split ngândâ (gourd-seeds, whose oily kernels are mashed into a pudding)." She handed Eyâle the dish of gourd-seeds, and went off into the forest. Njambo also went away on an errand with his wife. The daughter took the dish of seeds, and, sitting down, began to shell them. As she shelled, she threw the kernels on the ground, but the shells she put on a plate.

Shortly after the mother had gone, Dog woke from sleep. He rose from his bed, and came out to the room where his wife was, and stood near her, watching her working at the seeds. He stood silent, looking closely, and observed that she was still throwing away the kernels, the good part, and saving the shells on the plate. He spoke to her with his human voice, "No! woman! not so! Do you throw the good parts, to the ground, and the worthless husks onto the plate?"

While he was thus speaking to his wife, she suddenly fell to the ground. And at once she died. He laid hold of her to lift her up. But, behold! she was a corpse.

Soon afterwards, the father and the mother came, having returned from their errands. They found their child a corpse; and they said to Dog, "Mbwa! What is this?" He,

with his own language replied, "I cannot tell." But, they insisted, "Tell us the reason!"

So Dog spoke with his human voice, "You, Woman, went to the forest while I was asleep. You, Man, you also went in company of your wife, while I was asleep. When I rose from sleep, I found my wife was cracking ngândâ. She was taking the good kernels to throw on the ground, and was keeping the shells for the plate. And I spoke and told her, 'The good kernels which you are throwing on the ground are to be eaten, not the husks.'"

While he was telling them this, they too, also fell to the ground, and died, apparently without cause.

When the people of the town heard about all this, they said, "This person carries an evil Medicine for killing people. Let him be seized and killed!"

So Dog fled away rapidly into the forest; and he finally reached the hamlet of his mother. His body was scratched and torn by the branches and thorns of the bushes of the forest, in his hasty flight. His mother exclaimed, "Mbwa! What's the matter? Such haste! and your body so disordered!" He replied, using their own language, "No! I won't tell you. I won't speak." But, his mother begged him, "Please! my child! tell me!" So, finally, he spoke, using his strange voice, and said, "My mother! I tell you! Njambo [168]and his wife liked

me for the marriage; and the woman consented entirely. I was at that time asleep, when the Man and his wife went to the forest. When I rose from my sleep, I found the woman Eyàle cracking ngândâ, and throwing away the kernels, and keeping the husks. And I told her, 'The good ones which you are throwing away are the ones to be eaten.' And, at once she died."

While he was speaking thus to his mother, she also fell dead on the ground. The news was carried to the town of Dog's mother's brother, and very many people came to the Mourning. His Uncle came to Dog, and said, "Mbwa! what is the reason of all this?" But Dog would not answer. He only said, "No! I won't speak." Then they all begged him, "Tell us the reason." But he replied only, "No! I won't speak."

Finally, as they urged him, he chose two of them, and said to the company, "The rest of you remain here, and watch while I go and speak to these two." Then Dog spoke to those two men with the same voice as he had to his mother. And, at once they died, as she had died. Then he exclaimed, "Ah! No! If I speak so, people will come to an end!" And all the people agreed, "Yes, Mbwa! it is so. Your human speech kills us people. Don't speak any more."

And he went away to live with Mankind.

THE KING AND THE JU JU TREE

ELPHINSTONE DAYRELL

Udo Ubok Udom was a famous king who lived at Itam, which is an inland town, and does not possess a river. The king and his wife therefore used to wash at the spring just behind their house.

King Udo had a daughter, of whom he was very fond, and looked after her most carefully, and she grew up into a beautiful woman.

For some time the king had been absent from his house, and had not been to the spring for two years. When he went to his old place to wash, he found that the Idem Ju Ju tree had grown up all round the place, and it was impossible for him to use the spring as he had done formerly. He therefore called fifty of his young men to bring their matchets[8] and cut down the tree. They started cutting the tree, but it had no effect, as, directly they made a cut in the tree, it closed up again; so, after working all day, they found they had made no impression on it.

When they returned at night, they told the king that they had been unable to destroy the tree. He [99] was very angry when he heard this, and went to the spring the following morning, taking his own matchet with him.

When the Ju Ju tree saw that the king had come himself and was starting to try to cut his branches, he caused a small splinter of wood to go into the king's eye. This gave the king great pain, so he threw down his matchet and went back to his house. The pain, however, got worse, and he could not eat or sleep for three days.

He therefore sent for his witch men, and told them to cast lots to find out why he was in such pain. When they had cast lots, they decided that the reason was that the Ju Ju tree was angry with the king because he wanted to wash at the spring, and had tried to destroy the tree.

They then told the king that he must take seven baskets of flies, a white goat, a white chicken, and a piece of white cloth, and make a sacrifice of them in order to satisfy the Ju Ju.

The king did this, and the witch men tried their lotions on the king's eye, but it got worse and worse.

He then dismissed these witches and got another lot. When they arrived they told the king that, although they could do nothing themselves to relieve his pain, they knew one man who lived in the spirit land who could cure him; so

the king told them to send for him at once, and he arrived the next day.

Then the spirit man said, "Before I do anything to your eye, what will you give me?" So King Udo said, "I will give you half my town with the people in it, also seven cows and some money." But the [100] spirit man refused to accept the king's offer. As the king was in such pain, he said, "Name your own price, and I will pay you." So the spirit man said the only thing he was willing to accept as payment was the king's daughter. At this the king cried very much, and told the man to go away, as he would rather die than let him have his daughter.

That night the pain was worse than ever, and some of his subjects pleaded with the king to send for the spirit man again and give him his daughter, and told him that when he got well he could no doubt have another daughter but that if he died now he would lose everything.

The king then sent for the spirit man again, who came very quickly, and in great grief the king handed his daughter to the spirit.

The spirit man then went out into the bush, and collected some leaves, which he soaked in water and beat up. The juice he poured into the king's eye, and told him that when he washed his face in the morning he would be able to see what was troubling him in the eye.

The king tried to persuade him to stay the night, but the spirit man refused, and departed that same night for the spirit land, taking the king's daughter with him.

Before it was light the king rose up and washed his face, and found that the small splinter from the Ju Ju tree, which had been troubling him so much, dropped out of his eye, the pain disappeared, and he was quite well again.

When he came to his proper senses he realised[101] that he had sacrificed his daughter for one of his eyes, so he made an order that there should be general mourning throughout his kingdom for three years.

For the first two years of the mourning the king's daughter was put in the fattening house by the spirit man, and was given food; but a skull, who was in the house, told her not to eat, as they were fattening her up, not for marriage, but so that they could eat her. She therefore gave all the food which was brought to her to the skull, and lived on chalk herself.

Towards the end of the third year the spirit man brought some of his friends to see the king's daughter, and told them he would kill her the next day, and they would have a good feast off her.

When she woke up in the morning the spirit man brought her food as usual; but the skull, who wanted to

preserve her life, and who had heard what the spirit man had said, called her into the room and told her what was going to happen later in the day. She handed the food to the skull, and he said, "When the spirit man goes to the wood with his friends to prepare for the feast, you must run back to your father."

He then gave her some medicine which would make her strong for the journey, and also gave her directions as to the road, telling her that there were two roads but that when she came to the parting of the ways she was to drop some of the medicine on the ground and the two roads would become one.

He then told her to leave by the back door, and go through the wood until she came to the end[102] of the town; she would then find the road. If she met people on the road she was to pass them in silence, as if she saluted them they would know that she was a stranger in the spirit land, and might kill her. She was also not to turn round if any one called to her, but was to go straight on till she reached her father's house.

Having thanked the skull for his kind advice, the king's daughter started off, and when she reached the end of the town and found the road, she ran for three hours, and at last arrived at the branch roads. There she dropped the medicine,

as she had been instructed, and the two roads immediately became one; so she went straight on and never saluted any one or turned back, although several people called to her.

About this time the spirit man had returned from the wood, and went to the house, only to find the king's daughter was absent. He asked the skull where she was, and he replied that she had gone out by the back door, but he did not know where she had gone to. Being a spirit, however, he very soon guessed that she had gone home; so he followed as quickly as possible, shouting out all the time.

When the girl heard his voice she ran as fast as she could, and at last arrived at her father's house, and told him to take at once a cow, a pig, a sheep, a goat, a dog, a chicken, and seven eggs, and cut them into seven parts as a sacrifice, and leave them on the road, so that when the spirit man saw these things he would stop and not enter the town. This the king did immediately, and made the sacrifice as his daughter had told him.

When the spirit man saw the sacrifice on the road, he sat down and at once began to eat.

When he had satisfied his appetite, he packed up the remainder and returned to the spirit land, not troubling any more about the king's daughter.

When the king saw that the danger was over, he beat his drum, and declared that for the future, when people died and went to the spirit land, they should not come to earth again as spirits to cure sick people.

CONTOS FOLCLÓRICOS AFRICANOS

Contos folclóricos africanos Vol. 2	3
Haamdaa'nee	5
<i>George W. Bateman</i>	
Mkaa'ah Jeecho'nee, o pequeno caçador	40
<i>George W. Bateman</i>	
O que os matou?	56
<i>Robert Hamill Nassau</i>	
“A morte começa com uma só pessoa”: um provérbio	61
<i>Robert Hamill Nassau</i>	
Os gaviões e os corvos	66
<i>George W. Bateman</i>	
Uma viagem em busca de sal	71
<i>Robert Hamill Nassau</i>	
O cachorro e a língua dos homens	79
<i>Robert Hamill Nassau</i>	
O rei e a árvore Ju Ju	86
<i>Elphinstone Dayrell</i>	

African Folk Tales Volume 2	95
Haamdaa'nee	97
<i>George W. Bateman</i>	
Mkaaah Jeechonee, the Boy Hunter	132
<i>George W. Bateman</i>	
What Caused their Deaths?	147
<i>Robert Hamill Nassau</i>	
“Death Begins By Some One Person”: A Proverb ..	152
<i>Robert Hamill Nassau</i>	
The Kites and the Crows	157
<i>George W. Bateman</i>	
A Journey for Salt	162
<i>Robert Hamill Nassau</i>	
Dog, and His Human Speech	170
<i>Robert Hamill Nassau</i>	
The King and the Ju Ju Tree	176
<i>Elphinstone Dayrell</i>	
Literatura Livre	185
Ficha técnica	192

LITERATURA LIVRE

As obras consideradas clássicas são aquelas que sobreviveram ao tempo e ainda hoje despertam interesse. Há trabalhos de cem, duzentos, mil anos atrás que se mantêm mais atuais do que best-sellers do ano passado. Há algo nessas histórias que dialoga diretamente com nossos egos, superegos e ids, com nossa espiritualidade, nossa sede racional por dramas e conhecimento — e esses desejos não têm idade, não seguem a cronologia linear.

Os filósofos gregos, os cronistas romanos, os tomos religiosos asiáticos, as histórias e registros da Idade Média, do Iluminismo, da Era Vitoriana, até os mo-

dermistas do século 20 habitam uma área chamada Domínio Público: setenta anos após a morte do autor suas obras tornam-se livres de direito autoral para serem acessadas por todos. Na era digital, essa possibilidade de compartilhamento não tem fronteiras. Porém, existe uma lacuna entre o direito de acesso à obra e as mãos do leitor: a tradução. Embora esses autores e suas obras estejam em domínio público, os originais estão em grego, latim, inglês, alemão, árabe, japonês, e ainda resta o obstáculo da tradução livre a ser vencido.

Literatura Livre surge desse contexto: traduz para o português, edita e compartilha em formatos digitais 11 obras originárias de povos que contribuíram para a formação cultural brasileira. Em razão de seu propósito intercultural, todas as edições

contam, além do texto integral traduzido, com sua versão na língua original.

A motivação desse recorte temático é explícita: em qualquer lugar do país, basta olhar pela janela, andar pela calçada ou fazer compras no shopping. Aonde quer que se vá, são evidentes os vestígios das culturas que formaram a sociedade brasileira, seus costumes e seus laços afetivos. O Brasil é um território riquíssimo da mistura de culturas trazidas pelos movimentos migratórios que se iniciaram dezenas de milhares de anos atrás, quando a América foi povoada pelo primeiros povos.

Do nome de frutas a monumentos, a língua tupi continua viva. Dos negros trazidos involuntariamente da África, suas crenças, culinária e tantos outros presentes. Mas também os portugueses, espanhóis, franceses e holandeses que chegaram nas

capitanias hereditárias; os fluxos europeus ao final do século 19; a diversidade asiática, da Europa oriental, do Oriente Médio nas presenças dos japoneses, chineses, eslavos; as ondas migratórias entre e pós-guerras do século 20. Todos esses traziam nas malas bagagens sua cultura, as histórias que aprenderam com seus ancestrais e as replicavam para seus filhos e netos.

Contos folclóricos africanos, textos fundadores das culturas japonesa e árabe, novelas escritas por judeus em alemão, contos de uma imigrante chinesa nos Estados Unidos que demonstram os percalços dos “estranhos no ninho”, mulheres escritoras que não devem ser esquecidas e que falam diretamente aos assuntos de igualdade feminina atuais, provam a atemporalidade e a contundência desses escritos.

Ao todo 11 obras divididas em 14 volumes estão expostas gratuitamente neste site e podem ser baixadas, emprestadas, compartilhadas e espalhadas livremente. Uma pequena coleção de preciosidades que mostra que o presente não existe sem o passado, e o futuro é resultado dessa combinação. Uma ótima leitura!

— •

literatura livre

obras [works]

*O Leviatã (Der Leviathan); Crônicas do Japão (Nihonshoki);
Viagens de Gulliver (Gulliver's Travels); El Zarco;
Contos folclóricos africanos Vols. 1 e 2 (The Folk Tales from Southern
Nigeria; Zanzibar Tales; Where Animals Talk); Os miseráveis
(Albukhalâ'); Sra. Fragrância Primavera (Mrs. Spring Fragrance);
Contos de crianças chinesas (Mrs. Spring Fragrance); As roupas
fazem as pessoas (Kleider machen Leute); Contos sardos (Racconti
Sardi); Pássaros sem ninho (Aves sin nido); Coração das trevas (Heart
of Darkness), Histórias do tio Karel (Outa Karel's Stories: South
African Folk-Lore Tales).*

tradutores

[translators]

Adriana Zoudine, Gabriel Naldi, Giovane Rodrigues Silva,
Lica Hashimoto, Luis S. Krausz, Nina Rizzi, Renato Roschel,
Ricardo Giassetti, Safa Jubran.

produtor executivo

[executive producer]

Ricardo Giassetti

editores

[editors]

Renato Roschel, Gabriel Naldi

revisores

[proofreading]

Amanda Zampieri, Rebeca Benício, Juliana Faria

diretora de arte

[art director]

Larissa Meneghini

ilustrações

[illustrations]

André Ducci

editoração digital

[digital art]

Fernando Ribeiro

FICHA TÉCNICA



SESC — SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

[SOCIAL SERVICE OF COMMERCE]

Administração regional no

Estado de São Paulo

[regional administration of São Paulo state]

presidente do conselho regional

[regional board chairman]

ABRAM SZAJMAN

diretor do departamento regional

[regional department director]

DANILO SANTOS DE MIRANDA

superintendentes

[assistant directors]

técnico-social

[social technician]

JOEL NAIMAYER PADULA

comunicação social

[social communication]

IVAN GIANNINI

gerentes

[departments]

sesc digital

GILBERTO PASCHOAL

assessoria de relações internacionais

[international affairs]

AUREA LESZCZYNSKI VIEIRA

ação cultural

[cultural action]

ROSANA PAULO DA CUNHA



**INSTITUTO MOJO
DE COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL**

MOJO INSTITUTE FOR INTERCULTURAL COMMUNICATION

presidente

[president]

Ricardo Giassetti

diretores

[board]

Alexandre Storari, Gabriel Naldi, Larissa Meneghini,
Renato Roschel, Tatiana Bornato

INSTITUTO MOJO

Fundado em abril de 2018, o Instituto Mojo de Comunicação Intercultural promove a aproximação cultural sem fronteiras. Em um mundo unido pela era digital e dividido pelas diferenças culturais, tomamos como nosso o esforço de reunir pessoas interessadas em conhecer, respeitar e promover a sua cultura e a de outros, sem restrições.

Nosso primeiro programa se concentra na veiculação gratuita de obras nas mais diversas línguas, sempre com versões bilíngues.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

D275 Dayrell, Elphinstone (1869-917); Baterman, George W. (1850-1940); Nassau, Robert Hamill (1835-1921) Contos folclóricos africanos vol. 2 / Elphinstone Dayrell, George W. Bateman e Robert Hamill Nassau. Tradução de Gabriel Naldi. – São Paulo: SESC, Instituto Mojo, 2019. (Coleção Literatura Livre).

E-Book: PDF, ePUB, MOBI; 199 p.

Disponível em:

<https://mojo.org.br>

<https://literaturalivre.sescsp.org.br>

Título Original: The Folk Tales from Southern Nigeria (1910); Zanzibar Tales (1901); Where Animals Talk (1912). Edição bilingue Português / Inglês. Coletânea criada a partir das três obras originais.

ISBN 978-65-89008-02-6

1. Literatura Africana. 2. Conto. 3. Folclore. 4. África. 5. Nigéria. 6. Zanzibar. 7. História da África. I. Título. II. Série. III. Dayrell, Elphinstone (1869-1917). IV. Bateman, George W. (1850-1940). V. Nassau, Robert Hamill (1835-1921). VI. Naldi, Gabriel, Tradutor. III. SESC – Serviço Social do Comércio. IV. Instituto Mojo de Comunicação Intercultural. V. Literatura Livre.

CDU 821.4

CDD 896

Catalogação elaborada por Regina Simão Paulino – CRB 6/1154

A fonte original desta obra foi fornecida pelo Gutemberg Project:

The Folk Tales from Southern Nigeria:

<http://www.gutenberg.org/ebooks/34655>

Zanzibar Tales:

<http://www.gutenberg.org/ebooks/37472>

Where Animals Talk:

<http://www.gutenberg.org/ebooks/58900>

Copyright (c) 2020 Instituto Mojo de Comunicação Intercultural (<https://mojo.org.br/ebooks/>), with Reserved Font Name “Raleway”.

Copyright (c) 2020 Instituto Mojo de Comunicação Intercultural (<https://mojo.org.br/ebooks/>), with Reserved Font Name “Crimson Text”.

This Font Software is licensed under the SIL Open Font License, Version 1.1.

This license is available with a FAQ at: <http://scripts.sil.org/OFL>